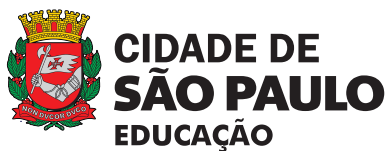


SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO

REVELAR-SE AUTOR



Escrever é Ler



PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Ricardo Nunes

Prefeito

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO - SME

Fernando Padula

Secretário Municipal de Educação

Minéa Paschoaleto Fratelli

Secretária Adjunta de Educação

Malde Maria Vilas Bôas

Secretária Executiva Municipal

Omar Cassim Neto

Chefe de Gabinete

REVELAR-SE AUTOR

Escrever é Ler



COORDENADORIA PEDAGÓGICA - COPED

Daniela Harumi Hikawa – *Coordenadora*

NÚCLEO TÉCNICO DE CURRÍCULO - NTC

Felipe de Souza Costa – *Diretor*

Equipe NTC

Anna Luisa de Castro
Aparecido Suter da Silva Junior
Carla Regina Marchioreto Urbano
Carlos Alberto Mendes de Lima
Carolinne Mendes da Silva
Claudia Abrahão Hamada
Clodoaldo Gomes Alencar Junior
Eduardo Murakami da Silva
Eva Aparecida dos Santos
Juliana Bauer de Oliveira Pimentel
Juliana Gonçalves Mutafti
Jussara Nascimento dos Santos
Karla de Oliveira Queiroz
Lisandra Paes
Maria Sueli Fonseca Gonçalves
Regiane Paulino
Regina Célia Fortuna Broti Gavassa

Renata de Lara Pereira Tamasi
Samir Ahmad dos Santos Mustapha
Selma Andrea dos Santos Silva
Solange Alves Miranda
Thais Blasio Martins

ACADEMIA ESTUDANTIL DE LETRAS - AEL ACADEMIA DE LETRAS DOS PROFESSORES - ALP

Maria Sueli Fonseca Gonçalves
Samir Ahmad dos Santos Mustapha

CENTRO DE MULTIMEIOS

Magaly Ivanov – *Coordenadora*

Núcleo de Criação de Arte

Ana Rita da Costa
Angélica Dadario - *projeto e diagramação*
Cassiana de Paula Cominato
Fernanda Gomes Pacelli
Simone Porfirio Mascarenhas

Revisão Textual

Roberta Cristina Torres da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica.
Revelar-se autor : escrever é ler. – São Paulo : SME / COPED, 2021.

124 p.

Volume II resultante da 9ª edição da Semana de Incentivo e Orientação
ao Estudo e à Leitura, instituída pela Lei Municipal nº 14.999/09.

1. Literatura brasileira. 2. Escolas municipais. I. Título.

CDD 22. ed. B869

Código da Memória Técnica: 152/2021

Elaborado por Patrícia Martins da Silva Rede – CRB-8/5877



Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remix, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido.

Disponível também em: <<http://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br>>

Consulte as obras disponíveis na Biblioteca Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação. Disponível em:
<<http://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/centro-de-multimeios/biblioteca-pedagogica>> E-mail:
smecopedbiblioteca@sme.prefeitura.sp.gov.br
Telefone: 55 11 3396-0500

Caro(a) Leitor(a)

“Quando não estou escrevendo, eu simplesmente não sei como se escreve. (...) Porque, realmente, como é que se escreve? que é que se diz? e como dizer? e como é que se começa? e que é que se faz com o papel branco nos defrontando tranquilo? Sei que a resposta, por mais que intrigue, é a única: escrevendo”.

Clarice Lispector¹

Novamente, os professores da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, membros da Academia Estudantil de Letras – AEL e da Academia de Letras dos Professores da Cidade de São Paulo – ALP atenderam ao convite para escrever e publicar seus textos, compondo o livro “Revelar-se Autor - Escrever é Ler - 2021”, editado pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo – SME.

A obra é parte integrante das ações realizadas na 10ª Semana Municipal de Incentivo e Orientação ao Estudo e à Leitura, criada pela Lei nº 14.999/09, de autoria do professor vereador Eliseu Gabriel.

Trata-se de uma antologia literária diversificada quanto aos gêneros, que foi elaborada durante o curso de formação, promovido pela SME e ministrado pelo escritor Marcelino Freire, com o objetivo de inspirar a escrita criativa e espontânea, reconhecer a importância da leitura nesse processo e incentivar a produção autoral dos educadores.

Parabéns aos protagonistas!

Boa leitura!

Secretaria Municipal de Educação
COPED - NTC - AEL

1 Clarice Lispector, da Crônica “Como é que se escreve?”, publicada no Jornal do Brasil, em 30 de novembro de 1968.

Um livro aberto

Escrever aprende-se escrevendo. Já dizia Clarice Lispector. O que colocamos no papel é extensão da nossa personalidade. Escrever é inaugurar um olhar para as coisas. É voltar ao passado para dar um beijo na infância. É fazer uma lista do que deixamos pelo caminho. De um a quinze, elencar as nossas memórias. Fazer uma visita aos nossos quintais, aos nossos parentes. Habitar, de novo, antigas fotografias. É bater um retrato para o futuro. Deixar uma marca na pedra. Uma assinatura no mundo.

Sobre tudo isto conversamos durante alguns encontros. Cada encontro em sala virtual, eu contava um ano juntos. Eu sempre brinco: a cada dia que a gente se reunia, passou-se um ano inteiro de nossas vidas. E quanta troca esse momento nos rendeu! Olho no olho, do coração de minha casa para o coração da casa de cada participante da oficina de escrita. Professor, professora. Bibliotecário, bibliotecária. Estudante, mãe, pai. Esposa, esposo, filho, filha... Unidos e unidas pela mesma prática da palavra. Todo leitor e toda leitora escreve sempre em primeira pessoa. A gente lê porque a gente sabe escrever. Só é preciso soltar o verbo do peito.

É com emoção, por isso, que vejo neste volume tantas frases costuradas, desenhadas, defendidas no chão de cada página. São microcontos, minicontos, poemas, cordéis, relatos, crônicas, pensamentos,



ensinamentos, anotações, “vexames líricos”. Essa expressão sou eu quem usa para reforçar o exercício de “dar vexame”, de não ter medo, de não se autocensurar. O que vale é o que está posto. É o exemplo que deixamos impresso. Para que outras pessoas venham e tirem daí inspiração e motivação. Outras experiências e linguagens cheguem para aumentar ainda mais essa roda de afirmação do nosso amor à literatura e à leitura.

O que eu procuro sempre, nos cursos que coordeno, é encontrar mais gente para uma mesma luta. É saber que não estamos sozinhos e nem sozinhas. Que fazemos parte de um mesmo livro aberto. Pronto para abraçar quem quiser chegar perto. Quem quiser vir, por aqui, morar.

A casa é nossa. Já estamos esperando por vocês, parceiros e parceiras.

Podem entrar.

Marcelino Freire*

* Marcelino Freire nasceu em Sertânia/PE, em 1967. Editor, contista e romancista, é o criador da Balada Literária, evento que já entrou para o calendário cultural da Cidade de São Paulo.

Morte da poeira

Foi num dia nublado, como tantos outros; dia estrelado por dentro, dia de esticar o pensamento...

Tenho uma estante pequena, guarda-tudo-na-vida; esconde palavras, sonhos, canetas, documentos, vidas e poeira. Em dias de pouco além, quando o longe é atravessar a sala, abro suas portas: um vidro quebrado de um lado, manca para a vida e aberta só para mim. A mão corre entre as poucas prateleiras de madeira escurecida; aos poucos aliso o Paulo Leminski e, logo abaixo, o Poe se abre em desespero.

Dentro da mão sempre fica a palavra guardada, retida, mesmo que inútil, mesmo que solitária. Uma camada de poeira cresce, respingam ciscos por todos os lados; sinto cheiro de coisa usada, aroma faceiro – gosto mesmo de quinquilharias, de som antigo, de luz mal iluminada. Talvez seja eu, em época errada; tenho essa estranha sensação de pertencimento ao ausente – deslocaram-me para este presente. E agora?

No chão da estante já não há brilho, parece chão pisado por muita gente; os alguéns andam ali no meio de páginas empoeiradas. Abro o livro de capa laranja: livro novo, cheira solidão, livro virgem. Abro o outro de capa dura, meio amolecida nas orelhas: livro sujo, cheio de marcas, tocado por muitos, vivido, cheio de almas, cheio de poeira. Passo a mão para limpá-lo, com um pano pouco umedecido; retiro algumas digitais daqueles que ali estiveram...

E o pano é lavado na pia. Assusta ver um cisco de poeira perdido no chão da cozinha, deslocado, desabitado do seu ar. E os ciscos rodopiam pela beira da pia, e lá vai a poeira levando todos os seus segredos...

Plantou angústia em cada sílaba. Agora começou a colher a escrita.

Pandemia

A esperança ficou isolada socialmente.

Casamento

A foto durou mais que o sim dito no altar.

Escola em tempos de Pandemia

Na tela preta, uma nova luz ofuscante... onde estão todos os alunos?

Plano de aula em tempos de pandemia

Acolher a insegurança, conter os sonhos e afetos numa caixa cinzenta e empoeirada e, ao mesmo tempo, disfarçar o medo e o luto com uma máscara.

Ano novo

Que eu tenha amor pra recomeçar.
Que a esperança reencontre seu lugar.
Que as máscaras cedam aos sorrisos.

Que os abraços sejam apertados
e voltem a ser morada
dos sonhos aflitos
e do coração cansado!

Viagem

Olho o sol...
Contesto quem “soul”
nessa luta sem fim
de me achar dona
de quem fui,
enfim...

Tiro uma casca,
e outra,
e mais outra!
Mas não sou lagarta!
Não viro borboleta!

Minhas costas doem
porque carregavam
o peso do mundo
e agora carregam
minha própria luta,
meu caminho em busca
da minha essência,
meu eu profundo.

A foto desbotada
traz lembranças do que fui.
E encara o que sou
como se perguntasse:
O que ficou?
O que restou daqueles olhos
que miravam o futuro
com medo e coragem?
Ficou viagem.
Um ir e vir na memória,
um ímpeto para seguir
em frente!
Olhando para os lados
Para trás, pra gente...

Reflexo...

Olho o sol...
Gosto dos dias quentes,
do tempo parado...
Mas, em dias de viagem,
também aprecio
os dias nublados.



Passageiro

Menino de pé em local estranho
O olhar assustado pelo abraço desconhecido
à procura da mãe que registrava o momento.
A parte rasgada que corta o vínculo
corta o laço
corta a história.
Separa o que é do que poderia ter sido
evidenciando a distância que permanece
e mantém o menino ainda de pé
à procura de novos vínculos
novos laços
novas histórias
e novos abraços.

Análise

Escrevia meio sem rumo,
mas ali
as palavras eram terapia.

Julgamento no berço

O que aquela criança recém-chegada a esse mundo de expiações esperava de mim?
Será que atendi aos seus anseios?
Será que realizei seus sonhos?
Será que ela foi cuidada, respeitada, amada?
Aquele criança, recém-chegada a esse mundo triste, gostou das amizades das quais me cerquei?
Será que ela se orgulhou de meus posicionamentos perante a vida?
Será que ela se envergonhou de alguma atitude minha?
Será que eu a feri ou permiti que a fêrissem?
Do berço ao túmulo, do túmulo ao berço...
Será que aquela recém-nascida consegue sorrir, observando sua vida pendurada no móbile?

2020 será meu ano!

Ao sair, o tempo prendeu-se no vírus e
o riso tapou-se na máscara.

Tópicos para autobiografia

- A frase do meu avô;
- O cheiro de grama molhada;
- A mandioca frita na casa da vó Mara;
- Crianças no porta-malas do Quantum de tia Tina;
- A escolinha debaixo dos eucaliptos;
- Uma viagem para o Rio de Janeiro;
- Cheiros da exposição em julho;
- O choro do meu pai no banho;
- O choro sem fôlego do Bernardo;
- A criação dos meus vários mundos por objetos simples.

Arqueologia de mim

Como a Terra é formada por camadas,
a escavação de mim ocorre em níveis do meu
corpo.
Como o manto traz vulcões e terremotos à crosta,
Como a superfície busca água no
poço,
a arqueologia de mim não separa pele e coração.
Os sentimentos de cada um escavam-me um
pouco.
Mas é somente no conjunto deles que expresso
minha verdade.

Ensinar e aprender

Falar das dores que talvez não sejam suas
E
Saber de dores que não quisesse minhas.

Voo

Minha mãe criava lagartas dentro de um pote de maionese. Com todo carinho e cuidado, com buraquinhos para entrar ar... Mas, ainda assim, um pote de maionese.

Nunca lamentei o aprisionamento da lagarta. Via tanta dedicação por parte da minha mãe que não tinha como duvidar que aquilo era o melhor para a bichinha: ficar ali quietinha, recebendo comida e amor, até finalmente ganhar asas e ter condições e independência para voar por aí como bem entendesse. Afinal, não era assim que ela criava também os filhos? Que honra deveria ser para uma simples lagartinha ser tratada como filha!

Os anos foram passando e uma notícia veio de encontro a mim: as borboletas vivem apenas um dia. A partir do momento que ganham asas, as lagartas têm apenas mais 24h de vida. 24h é o tempo que elas têm para desfrutar da tão sonhada liberdade.

Não sei dizer o quanto aquela informação me causava um certo desespero mudo. No tempo em que descobri o fato, minha mãe já não criava mais lagartas. Tinha apenas filhos.

Naquele dia esperei até bem tarde da noite e, com todo silêncio e cautela que consegui juntar, atirei-me ao chão quebrando meu pote de maionese. Fui quase sem respirar até a cama de minha mãe, cobri-a com aquele cobertor (feito do meu próprio amor e costurado com a linha do horizonte) que havia caído ao chão e saí de casa.

Decidi não esperar ter asas para voar.

Nudez 2

Escrever é despir-se.

Descer ao chão longas camadas de figurino social.

Trazer ao sol as marcas cruas e sem filtro de um corpo vivo real. Um corpo imperfeito, não moldável a padrões aceitáveis.

Escrevo da mesma maneira que tomo sol, sem protetor. Sentindo o calor nutrir e queimar cada célula exposta. Arde. Dói. Cauteriza algumas feridas abertas. Cria outras? Já não me importa. Entrego-me nua e falha ao fogo dos olhos que buscam meu pedaço de carne ao sol.

Longe-logo-ao-lado

Tem gente que fala demais
Tem gente que fala de menos
Tem gente que de tanto pensar
Calou-se para sempre de medo.

Existe um planeta
Longe-logo-ao-lado
Criado por gritos
Todos os gritos aqui calados

Sempre que calamos aqui um grito,
logo por lá ele é criado
Pobre planeta ultrapovoadado!

A cada dia da existência humana,
em Longe-logo-ao-lado,
nossos gritos calados
passaram a engolir uns aos outros
por pura falta de espaço...

Se calamos por temor,
que calar mais burro!
Pior que a consequência
de um grito aqui bem-posicionado
é o risco de nossos devoradores-
devorados gritos calados,
em Longe-logo-ao-lado,
em rebelião decidam
retornar todos de uma só vez
por onde nunca foram entoados...

Quarentena

A rede da varanda me prende,
mas é com ela que pesco o pouco da vida que me alimenta lá de fora.
Os raios de sol recortados em losangos que me preenchem mais de lampejos de esperança que de vitamina D;
Os contornos da Cantareira que deixa Daniela ficcionar que são os Andes;
Os gritos de uma vizinha com exaustão existencial que me acalantam o desejo de unir-me a eles em coro;
O ônibus que passa religiosamente às 23h16, anunciando que já é possível ver a lua quase cheia da minha janela;
A embriaguez do homem cambaleante que desde a primeira semana de pandemia grita a plenos pulmões que a “quarentena acabouooooou”.
O balanço colorido da festa clandestina que me desperta medo, raiva e uma certa inveja inconfessável;
O ruído perturbador do silêncio de São Paulo, tão raro e tão assustador, levando-me a crer que congelar o tempo é possível;
Toda a potência de vida que eu sinto pulsar tímida, constrangida, debaixo do asfalto, debaixo de nossas peles, na lembrança celular de uma vida outra que já foi possível de ser vivida, crescendo lenta e venenosa na projeção e romantização que se mistura com o gosto amargo da memória.



Gatos

Gato na mala
Gato na caixa
Gato em todo lugar
Se encaixa!

Rasga coração

O mundo anda tão complicado
Ou a gente agora vê um outro lado
A criança que agora cresceu
Ou o adulto que se esqueceu

Quando palavra é flecha

Tento racionalizar,
mas palavras que saem da boca
de quem nós muito amamos
doem, doído e latejante
como dor de dente...



Porta adentro do apartamento

Onde o escritório virou sala de aula,
Onde os almoços em família se tornaram rotina,
Um absurdo almoço em família não ser rotina!
Que vida vivia porta afora?
Porta adentro do apartamento
Onde agora esperávamos o Sol à tarde entrar na sala
Onde a varanda tornou-se um imenso e lindo jardim
em que orquídeas, azaleias e até gérberas floresceram,
acho que estavam felizes com nossa companhia.
Onde a sala, aquela que recebia o Sol à tarde,
tornava-se pista de dança à noite, onde eu e minha filha dançávamos,
enquanto papai só nos olhava sorrindo.
Onde sala virou a melhor sala de cinema!
Onde sala virou acampamento,
Ponto de encontro,
quarto,
ateliê,
cantinho de leitura,
teatro,
espaço nobre de piquenique!
Boas conversas,
Boas risadas,
Local de desabafos e broncas também!
Enquanto o caos se instalou lá fora,
Porta adentro vivia a família
Juntos
Protegidos
No olhar
No gesto cuidadoso e recíproco
Ora fortes
Ora fracos
Ora felizes
Ora tristes
Ora bravos
Ora surtantes...
Vivemos! Ainda é uma alegria viver!

Por enquanto

Era hoje, e de amanhã, recorde ontem
Dias futuros, presente-passado
O tempo se embaralhou, nas cartas do espaço.
Espaçamentos, pula uma, duas, cordas-linhas...
Amarelinhas tatuadas no quintal.
No céu? Tudo transitório
Estrelas, faróis, lua e faixa de pedestres.
Há velocidade. Da cidade, da idade
Quando percebo, tudo floresceu.
O perfume primaveril exala saudades
No caos, desabrocha vida
A rede balança, embala sonolências de um corpo
cansado do processo.
Enquanto a mente vagueia...
Metamorfoseada.

Lista de memórias

- A. Algodão doce: trocava as garrafas e ferro velho e me lambuzava.
- B. Bonecas: tinha poucas, mas era o suficiente para o faz de conta.
- C. Corda: pular até virar foguinho, cair ou ser a letra do marido.
- D. Dente: caindo, choradeira e desespero, não gostava de ser banguela.
- E. Esconde-esconde: até em cima das árvores e também no córrego ao lado da casa do vizinho.
- F. Feira: todos os domingos era sagrado, a família toda parecia que ia à festa.
- G. Grana: curta, mas o suficiente para ter tudo o que precisávamos e aproveitarmos com alegria.
- H. Hora: era sagrada com o Zé Betio dizendo “Olha a Hora”, corria para ir à escola.
- I. Irmão: brincávamos e brigávamos, muita cabaninha à noite na sala e depois o sonâmbulo pela casa.
- J. Jogos: na rua, muita competição e animação.
- K. Kkkkkk: gargalhadas da italianada.
- L. Leitura: foi um pouquinho difícil, sem pré-escola, mas, quando encontrei a professora Graça, meu mundo teve brilho.
- M. Mãe: palavra que falava toda hora, me acordava às 6 horas, arrumava meu cabelo, o lanche, café com leite quentinho e da escola quando chegava o almoço já estava prontinho.
- N. Natureza: plantas foi com elas que veio meu sustento, através do box no CEAGESP do pai caminhoneiro.
- O. Omelete: não era o prato favorito, mas era o que tinha para comer, sem reclamação e muitas vezes até fazer a repetição.
- P. Pai: bravo, carinhoso e caminhoneiro, viajava por muito tempo, mas quando chegava na esquina eu escutava o barulho do caminhão e saíamos todos para um abraço.
- Q. Quebra-queixo: o barulho da tábua quando o vendedor passava e minha mãe juntava todos os trocadinhos para aquela meleca saborosa.
- R. Rua: lembranças de brincadeiras, amigos e peraltices e até festa junina, com pau de sebo, casamento de carroça e barraquinhas, com direito à fogueira e balão que não era proibido não.
- S. Saudades: daquele tempo que não volta mais, porém fomos felizes demais.
- T. Trapalhões: meu programa favorito de todos os domingos em família e depois vinha a zebrinha.
- U. Universo: não havia pressa para nada, olhávamos para o céu, procurando a estrela cadente, de onde vinha um pedido em minha mente.
- V. Venda: era o meu mercado preferido, tinha caderneta e lá comprava pão e leite de saquinho e também com o troco tinha docinhos.
- W. Walkman: foi o presente mais esperado, depois de um ano ele veio no aniversário.
- X. Xuxa: quando começou eu já estava crescendo, mas aquela nave era um sonho e eu estava amadurecendo, mas aquele tipo de programa já não encantava mais, só queria ver a família Dinossauro, porque “não é a mamãe” era o bordão do momento.
- Y. Yoki: era a hora da pipoca, sessão da tarde, família, amigos e coberta, tardes maravilhosas que fazíamos uma festa.
- Z. Zoeira: quando juntava a molecada e a “primaíada”, muitos já se foram, mas as lembranças são eternas e sempre esperando que possamos fazer todo ano nossas primaveras.

O que pensava a menina?

Para ela, o futuro parecia longínquo e a menina só queria ser feliz. Sonhava em fazer tudo e conhecer muita coisa. A família, para ela, era o que mais tinha valor.

As brincadeiras, as risadas e as ideias criativas eram compartilhadas com os dois irmãos com quem a amizade e o carinho permanecem até hoje. Desde a construção do carrinho de rolimã, da pipa de jornal e do ônibus feito com as cadeiras, até o jogo de futebol na rua, em tudo ela participava. Engana-se quem a vê assim, com seu vestido vermelho e as pulseiras douradas, e pensa que ela apenas brinca de casinha e de bonecas. Ela é uma menina que quer aprender, criar e crescer, mas sem pressa, pois o futuro está distante.

A menina pensava em crescer e hoje já nem sei se a menina cresceu ou permanece menina.

Memórias de chocolate

Essa coisa de memória
Tem cheiro e tem história

Chuva chovendo molhou a terra
Empossou a água e secou
Parecia chocolate o que restou

Essa coisa de memória
Tem também gosto

O quadradinho cortado
Do Diamante Negro,
Pequenino e brilhante,
Era o melhor do dia

DRE CAMPO LIMPO
EMEF MODESTO SCAGLIUSI

EDUCADOR(A)

CRISTINA ARTAGOITIA VICENTE

Poema sobre AEL

Ano difícil, sonhos adiados
E os alunos não estão sossegados
Crise de ansiedade, depressão, insegurança
Mas não devemos perder a esperança
O ano está acabando
A vacina é nossa meta
Os sonhos estão voltando
Que delícia fazer uma festa
Festa da nossa fundação
Cantaremos uma linda canção
Isso eu agradeço
Será nosso recomeço.

[pra todas as vezes que fui pequeno]

queria escrever um poema
para todas vezes que me senti pequeno
para me perder nos versos
que narram momentos que não me achei

queria musicar o silêncio
dar pausas nos contratempos
para que meus sofrimentos fossem
semibreves apenas no nome
não no tempo de compasso de vida

queria esculpir certezas em ruínas
modelar como barro meus medos
moldá-los para que fossem do meu tamanho
não ocupassem tanto espaço na estante

cansei de encenar sorrisos
risquei do roteiro lembranças
o que sobrou?

arquibancadas vazias
violino de uma corda só
rasuras que me faltaram num grito

queria um quadro cuja moldura
encarcerasse as angústias
colorisse a parede cinza que separa meu eu
de mim mesmo

queria fotografar a esperança
revelar sua foto, andar com seu retrato na carteira
provar a todos que a esperança existe
[só que não aprendi a focar objetos abstratos]

queria que a arte imitasse a vida
não que a vida inventasse o artista
inventou-me grande
inventou arquibancadas que não existem
inventou musicista de violino sem cordas

só não inventou silêncio dentro do peito
esperança dentro do concerto
final feliz após devaneio

[infância azul]

estrelas despertam de sua noite, astros acordam de seu sono
uma luz grita do planeta azul

um raio no horizonte ofusca o brilho dos olhos de uma criança no oriente
ilumina a face dos seres do céu que a tudo assistem e sobre nada dizem

foi o segundo em que até a noite parou para assistir às ações dos homens
o instante que os planetas interromperam suas órbitas
forçaram seus olhos, inclinaram-se para ver
o feixe de luz e aqueles olhos de criança ofuscados

uma criança anda com seu triciclo numa rua tranquila em hiroshima
nem imagina o tanto de estrelas que agora observam seus pequeninos pés
que pedalam através dos séculos

ela apenas vê um risco no azul, fecha seus olhos
enxerga um clarão que invade seu rosto

a luz caminha em sua direção, envolve a criança nos braços
carrega esse frágil ser em seu colo

nada é tão pesado quanto aquele pequenino corpo
que se transforma em pó, soprado aos ventos pela luz radiante

quantas estrelas seguram o choro
e abrem os braços para receber
a menina chegando de triciclo no meio
de uma nuvem cinza

a menina sayuri dorme hoje na ponta da via láctea

[nós, passarinho]

quando sua voz canta palavra amorzinho
um girassol acena pra uma nuvem
e uma formiga descansa numa pedra

os dias são mais simples quando
a gente deita numa tarde
espera o entardecer da grama
e se a gente fica junto depois da dormida do sol
estrelas que saem pro quintal à noite

[dizem que três delas ficam cochichando sobre a gente
torcendo pra esse nosso lance não virar nublado]

se o tempo fechar e o azul ficar apagado
a gente faz igual os passarinhos:
senta num galho e
canta quando tudo passar

é só a gente ficar se gracejando entre pios
tirar um dia pra ver um arco-íris nascendo
piscar pra uma noite sorrindo no sul de minas

[esquina]

presenciei um adulecimento e quis fugir. saí a correr:
ponta dos pés velozes tocando o asfalto. tropecei na
minha infância ao dobrar a esquina de um texto.



Aprender é... Ensinar é...

Aprender é acolher
E ensinar é partilhar.
No cirandar crescer,
Na sabedoria libertar!

Rafael

Ela queria um anjo para cuidar. Ele queria ser amado. Deu certo!

Cinco coisas que só eu vejo (durante o meu isolamento social)

1. Nascer de pétalas, de galhos, de folhas das plantas do meu quintal;
2. Os passarinhos no telhado, no pé de jabuticaba, voando de um lado para o outro, chamando os companheiros para uma nova refeição;
3. Os sabores: do doce ao amargo. As misturas que formam gostos, fazem delícias ao paladar, alimentam a alma;
4. Vejo o meu filho crescer. Vejo-o descobrir o mundo. Suas traquinagens, seus sorrisos, choros e até mesmo angústias;
5. Descubro a mulher refletida no espelho.



Meu Brasil

Ecoando o verso de Ary Barroso, pergunto onde está meu Brasil, meu Brasil brasileiro?
Será que fomos esquecidos ou esquecemos de cuidar de nossa pátria amada tão gentil?
Terra de exuberante beleza natural, do cerrado, da caatinga, das serras e dos mares
Que abraça tantos povos, tantas culturas, é o nosso jeito brasileiro de ser e receber
Desmatamento, politicagem, fake news, consumismo, será que deixamos de ser explorados e hoje
somos exploradores?
Volta, povo amado, a sua terra te chama, cuida da casa que te abriga, que te provê o sustento e
que enche de tantas alegrias

O sonho do imigrante

Andava por entre prédios, asfalto e fumaça
E longe deixava a terra seca, sofrida, escassa
Na agitação da cidade grita a saudade da simplicidade
A fartura basta a vontade, mas não sacia a saudade da terra mãe
As luzes da cidade estão para o ter e parecer
E onde está o ser?
O sertanejo perde-se na busca de um sonho na rotina citadina
Mas a grande verdade desta mísera rotina
É que o melhor na busca dos sonhos da vida é o caminho

A literatura

A Literatura é uma paixão desmedida
Talvez ilusão na minha vida
Como tantas já perdidas...

Viver sem dela mencionar
É como viver sem respirar...

Mas chega de versos infantis, que buscam rimas combinadas.
Quero viajar em seus abismos mais profundos, desvendar o desconhecido, aprimorar o meu instinto.

Se para isso é preciso regressar à colônia, buscar inspirações nos deuses, que o seja:
– Ajuda-me Ártemis, auxilia-me Cupido e por que não Hades? Ou melhor seria Ares?

Verbos

Olhar
Conversar
Brincar
Paquerar
Namorar
Casar
Estar
Amar!

Olhares...

Olhares perdidos, encontro de olhares,
olhares sentidos, entrega de olhares...

O coração palpita,
o olhar denuncia.

As mãos ficam trêmulas,
os olhos desviam.

O medo da entrega,
a coragem da fala.

Os olhos se encontram,
a denúncia é clara.

O coração disparado,
perdido no espaço...
no espaço da dor.

Por quê?

Porque a sociedade impõe regras a seguir
e dificilmente conseguimos lutar contra elas.
Porque somos covardes para buscar o que queremos
e preferimos guardar para nós.

Sufocá-lo dentro do nosso íntimo,
na esperança que desapareça.
Mas um belo dia ele tem a oportunidade de vir à tona
E vem... sem dó nem piedade!
Vingando-se de quem tentou suprimi-lo...
Mas com uma vingança gostosa de ser sentida,
sendo saboreada com situações inusitadas,
com a busca incessante, que chega a ser adolescente,
por um olhar, um sorriso, um toque, um cheiro, um beijo!

Mas um beijo nunca é suficiente!



Memória recuperada

Acreditei ser pessoa desmemoriada
Mas de fato estava enganada
Mil lembranças da infância
Bem vivida em meio à ignorância
Sem leitura de mundo
Porém com amor profundo

Tudo o que vivi foi intenso
Da escada fazia um andar imenso
Para colocar brinquedo e amigo
Quem quer brincar comigo?
Café, bolo, saladinha
Venha ver como ficou a cozinha!

Sem deixar escapar a paixão
Temos lousa para fazer a lição
Quem vai ser a professora?
A aula começa agora
Calma! Silêncio! Um de cada vez!
Gente, que lindo! Olha o que ela fez!

De escritório também brincamos
Na casa da amiga de muitos anos
Lá encontramos blocos de anotação
Escrivaninha, carimbos de coração
Muitas cartas e cartões elaborados
Manuscritos e datilografados

Quanta emoção numa infância feliz
Olhando agora ninguém diz
Que a pessoa tímida e sem memória
Tem muitos registros em sua trajetória
Da profissão que ainda pequena escolheu
E com coragem sempre defendeu

“Meus bilhetes viram cartas, minhas cartas, livros”

Inconsequentes loucuras

Inconsequentes loucuras
eram se entregar à vida sem ter vergonha de ser feliz,
sem pensar em consequências...
Brincar, correr, cair, até ralar o joelho;
E ainda assim sorrir...
Jogar, sujar, perder, ganhar;
E ainda assim sorrir...
Quebrar o chinelo e levar um puxão de orelha;
E ainda assim sorrir....
Ah....velha infância, como era bom viver aquelas
inconsequentes loucuras sorrindo de alegria!

Eu mulher

Sou luz
 Sou vento
 Tempestades e trovoadas
 Sou pequena
 Às vezes grande
 Sou erros
 Sou acertos
 Sou sóbria
 Às vezes bêbada
 Sou feliz
 Às vezes triste
 Sou minha
 Sou sua
 Sou linda
 Sou bela
 Posso ser feia pra você
 Pois meu espelho não erra
 Sou garota
 Sou mulher
 Enfim sou o que eu quiser
 Não é você quem vai dizer
 Quem eu sou
 Pois, afinal
 Quem você é ?

Cheiro

Cheiro de arte
 Cheiro de flor
 Cheiro de vida
 Cheiro de amor
 Com este perfume
 Apenas
 Vou

Afazeres

Açúcar, café, detergente
Sabão, sal, leite
Era uma lista de compras
Mas mudei
Virou poesia
Sou mulher
Com afazeres
Mas minha veia poética
Pulsa, pulsa
Mesmo na cozinha
Seja lá onde for
Ops!
Minhas compras
Acho que esqueci
Daqui pra frente
Vou me alimentar de poesias

Minha terra

Caraubas/RN
Um lugar
Um belo lugar
Permite viver, reviver
Sonhar viver emoções
Enche nossos corações
De puro amor
Deixa nossa pele
Com tons brilhantes
Sedutora nos encoraja
Pra começar e recomeçar amores
Na terra das caraubeiras
Nao apenas transitamos pela vida
Nos permite o atrevimento
De romper barreiras ou virar o avesso
Ou apenas ser feliz

Rasgue o verbo poesia gramaticada

Rasgo o verbo
Quando não posso esmagar o sujeito
Logo quando ele não possui um predicado
Ai, caro leitor
Recorremos a um advérbio de intensidade
Então, diante da locução pronominal
Seja qual for
Prefiro continuar como pronome indefinido
Todavia nunca gostei de ser uma oração subordinada
Neste momento
Fico como interjeição
Puxa vida!
É rojão...!

Olhando lá fora

Vejo pessoas
Que se misturam
Pela cidade
Infinitos gêneros
Diversidade
Diver cidade



“Não esqueça”: um cordel do coração pro papel

“Não esqueça a minha bicicleta ... “
 Esse slogan virou febre
 Daquela que nos corrói
 De nos deixar tão alquebre
 Se a família não nos dava
 Ou quem tinha não emprestava
 Nas bandas de meu casebre

Tanto insistia que queria
 Que, depois de tanto não,
 Que o dinheiro, no dia a dia,
 Mal dava pra arroz-feijão,
 Que quando chegou o presente
 Eu fiquei... Tão, tão contente:
 Quase explodiu o coração!

Com a máquina emprestada
 Até houve foto, inclusive...
 Não podia ter vacilada
 “Té” ensaio pra pose teve!
 Porque só recentemente
 Que se ficar descontente
 Uma nova chance se obteve

A sensação, me recordo
 De uma Harley-Davidson
 Eu, num filme, pilotando...
 Pra ter ideia, pensa o som
 O hit “Jesus numa moto”
 E eu andando no asfalto
 Fazendo ROM... ROM... ROM... ROM...

Deus...É tanta boa lembrança
 Com meus manos Kátia e Dé
 Dessa época de criança
 Que bate saudade até...
 Por isso, fiz um cordel
 Para pôr em um papel

Lembranças

Ah minha infância....
Quantas saudades...
Quantas lembranças...
Não existia o amanhã, só o hoje...
Não existia o medo, só a coragem...
Não existia problema, a solução...
Existia a amizade, não a inveja...
Existia a briga, não o ódio...
Existiam os dias de sol, não as noites escuras...
Ah minha infância....

Ciclos

Uma festa, mesa de casa
Pano de fundo, primos e amigos
Quanto sonhos e expectativas em cada rosto...
Sorria! Olha o passarinho!
A timidez vence a maioria.
O que esses olhares carregam?
Será que os desejos, desse momento congelado no tempo,
se concretizaram?

Festa simples, família e amigos simples
Somente o futuro presente no retrato
Olho cada rosto e penso na trajetória que cada um percorreu...
Saudades da prima Marli com seu sorriso triste e que cedo nos
deixou...

Deus a levou pra si de forma repentina,
Já tinha sofrido demais no alto de seus treze anos!
Suas irmãs Marlene, Márcia e Marisa presentes no quadro,
Percorreram caminhos diversos após o fato
Cada uma carregando seu próprio peso...
Marlene, a mais sorridente no canto da imagem
Traz no rosto o desejo de superação,
E na roupa o vermelho do sangue que corre nas veias!
Atrás dela, o mais alto, mais velho, mais sério e muito amado Luís
Sempre me pergunto o que desde cedo carrega no peito...
Hermético até hoje!
Na outra ponta, sua irmã Lúcia
Mais baixa, é verdade, porém mais solta!

Sorriso suave, beleza natural, amor sem igual
Incertezas? Todas!
Irmãos naturais que a vida me deu.
Entre eles, amigos queridos: Cecília, Zilda e Pascoal
Que a vida distanciou, mas que a internet resgatou.

Perfilando perto da mesa, em extremos tons de rosa
Silvana e Eliana
As primas de nós mais distantes
Filhas de meu tio Zezão
Arrebatado da família
Em um acidente trágico na época do Natal...
A quem não tive o prazer de conhecer
Mas que amo como se perto de mim estivesse
Mais um que o Céu quis cedo para si.

Atrás do bolo, a aniversariante
Uma ruivinha, a voz deste poema,
Que há três meses chegou ao seio deste quadro
Olhar de quem não sabe o que a vida lhe reserva
Fixo em sua única familiaridade no ambiente.

Na mesa bolo branco, grande, lindo e saboroso nos espera
Docinhos feitos com esmero, pelas mãos de minha mãe
Que dominava a arte do açúcar, mas não a da doçura do
sentimento... um lamento!
Refrigerante e até cidra borbulhante
Para brindar o momento, o sentimento, o estranhamento
Primeiro ano de vida de meus cinquenta anos.



Infancear

Um fogão no canto da cozinha
Cheiro de lenha no ar
Minha avó Filó, em uma perna só, a cozinhar
Panela chiando
Dobradinha cozida
Molho de tomate fresquinho, borbulhando na panela
No prato de louça simples
Uma fatia de angu bem durinho
Mergulha suave nesta quimera.
Um fogão no meio da cozinha
Cheiro de broa quentinha
Minha tia Maria a preparar
Café mineiro ralinho no coador de pano a escoar
Pão assado com goiabada
Queijo meia cura a fatiar
Um pedaço de cada delícia
E uma caneca de café a brindar.
Um fogão na frente da cozinha
Limão com sal
Mexerica recém-descascada
Uva Itália na boca a estourar
Macarronada com cubos de carne no molho suculento
Pudim de leite regado a açúcar caramelizado
Leite queimado pra curar o resfriado,
Quando me coloco nisso a pensar...
Ah como é bom a infância saborear!

Décimas para Sebastiana

A vida brotando em Minas
Histórias que vão surgindo
Tristeza com dor vêm vindo
Dos nove filhos, a sina
Velando a morte-menina
Do poço desencantado
Bastiana, arrimo fincado
Buscando nova nascente
No leito, João ausente
Na terra, sangue marcado

Bastiana passo e caminho
Divisa horizonte aberto
Sertão já não está perto
Querências de luar, ninho
Sabiá canta sozinho
Uma serenata triste
Amplidão, dedo em riste
Esperança no concreto
Abrigo, sonho discreto
De valor, alma resiste

Assim Marias da Rosa
São Paulo viu florescerem
Ivalda, Dina a crescerem
Labuta firme e honrosa
Herança de mãe formosa
Seu João, de Dona Francisca
Rosalvo amor à vista
Antônia de Zé, casados
Vitor mais Dila, estudados
Sonho que nunca se risca

Os anos foram passando
Da pedra brotou roseira
Filhos com eiras e beiras
Novas famílias chegando
Sebastiana sossegando
Amor aos netos dobrado
Abraço de avó, sagrado
Mas quis o destino, então
Arrancar raiz do chão
Deixando dor e legado

Parto humanizado

Posso passar? A colocar cortinas ao inferno.

Ódio à infância

Aqui, ouvindo versos
Onde todos são perfeitos
Eu, aqui, cultivando ira
No não nascer de versos
No não nascer diversos
No rodopio do tempo
Desinfância

Arremedos de infância

Cheiro de infância
Dengo, colo e farofa de meu pai
Um quintal de miudezas
Meu cafezal em flor
E o sopro de Minas em mim.
Chupeta, cobertor e barranco
Bastiana, passo e caminho
Arrimo, minha Casa de Bernarda Alba
Dengo, colo, cócegas e alimento
Eis a mesa posta: um corte
Prato imposto: rancorzinho ao molho pardo
Se esvaem em pé de vento
Os pés de Vado
Rastros de ausência
Ouro em pó que já não reluz

Anotações - cenas e olhares do cotidiano

1. O olhar perdido de minha mãe no rastro da memória.
2. Passa ponte, divisa flor, vento e árvores e os pés só reconhecem o atrito do concreto.
3. Seu Manuel, sentado no banco do jardim, espia a teimosia do existir das miudezas.
4. Pássaro sem voo é pior que pássaro sem asa, à mercê do tempo, da sorte e da saciedade de um gato.
5. Carcaça em riste, braços rentes à sobrevivência do corpo que carrega contas, rugas e silêncios.



Copo de requeijão / a geleia de amora

Passam as manhãs adocicadas com a geleia, contudo a tensão transpassa os copos que se quebram dia a dia, nos lembrando dos riscos lá fora, como se a manhã ensolarada fosse encoberta por nuvens escuras com um varal cheio de roupas... Essa angústia só se rompe com o sorriso da criança, satisfeita e segura, que leva o copo até a pia e me pergunta se não vamos tirar a roupa do varal.

Raspo com o dedo o copo de geleia que minha filha levou para a pia. Finalmente acabou este item supérfluo consumido demoradamente por mais de um mês para que durasse o tempo do próximo salário. Estamos na fase que saboreamos sentindo a ausência do sabor, pois não dá para ter além do básico em nossa geladeira. Sou da geração que lambia o alumínio do iogurte para ter um gostinho a mais e não deixar sobrar nada. Crises voltam, e agora, a amora da geleia se dilui em minha boca enquanto me preparo para lavar esse copo, que, ao pegá-lo e fitá-lo, sinto um frio na espinha por me fazer desejá-lo de um outro modo.

Ao cair a água sobre esse vidro resistente, me recordo da época de república estudantil, em que eu entrava ao mercado e ia direto às gôndolas de promoção, com produtos que estavam para vencer. Me deliciava quando via um copo de requeijão de vidro. Imagina só, comer requeijão e de quebra ganhar um copo? Isso não é incrível? Copos de todos os tipos compunham o armário da loja, que era grudado em minha cozinha: de princesa, do pato Donald, liso ou ondulado. Nunca faltaram copos, para beber água, leite, refrigerante e o vinho barato. Somavam-se no armário de MDF até os copos do bar da esquina, em que, aos finais de semana, parava com outros universitários para beber a garrafa de cerveja por apenas R\$3,90 e discutir de política à novela das nove, filosofia barata de botequim, que nos preenche quando vivemos todos meio desiludidos, mas embriagados de uma esperança por sentirmos algumas mudanças sociais que nos deixam ver aquela luz no fim do túnel...

Meu sorriso é amargo ao esfregar esse copo e pensar que eu já vivi também a fase em que doe todos da minha louça antiga para a escola pública em que trabalho, para compor a cozinha dos funcionários, feita de doações de todos os professores da escola. É incrível como nessas cozinhas existe uma variedade de pratos, garfos, copos..., mas quando se precisa de um não acha nada... enfim, sinto que fiz um favor enorme a mim e aos meus colegas. Um copo de requeijão tem valor ali, é uma peça que compõe a coletividade necessária.

O gosto da Amora já não existe mais na minha boca e, ao enxaguar o copo, olho para minha prateleira que agora é de madeira de demolição e não há mais copos. Estamos há tanto tempo em casa que os copos foram quebrando, quebrando e encarecendo. Seguro o copo e aperto os dentes, pois será um ótimo copo de café, com um design que denunciará sua origem, mas será útil! Eu só fico pensando mesmo que esses copos deveriam vir num modelo que se vende no mercado, como se fosse copo de consumo. Imagina se você comprasse seis copos de requeijão vazios, sem a necessidade de ter que tirar o papel grudado, sem ficar esfregando com a unha... olha que facilidade! Ninguém saberia se o copo que você tem na sua casa é do requeijão ou é comprado! Mas quem se importa se tenho copos de requeijão ou de geleias na minha casa? Eu não recebo mais ninguém...

Estou revendo esse filme da vida ao apoiar o copo no escorredor de louças e volto para a sala para ver minha filha saboreando a última torrada com geleia. Distribuo risadas mostrando a ela como a vida é bela. Ela me pede água. Vou à cozinha, pego o copo que acabei de lavar e o entrego segurando o sorriso maternal de que aquilo é apenas água, independentemente do copo, do desgoverno, do aperto no peito. Ela realmente me comove com suas histórias e sua leveza ao beber a água, de qualquer copo, pois está comigo, por mais tempo que pensaria estar.

Volto para a cozinha e deixo apenas o copo na pia, não dou conta de lavá-lo novamente. A chuva começa. Ela me olha com aquele tom de “Eu avisei” e sorri. Cada sorriso é centelha de esperança que conforta o recolhimento durante a tempestade que sabemos, vai passar.



Jardim do invisível

A tia lavando o prato
Um jardim invisível
Chama a vista

De acrílex, borboletas
No algodão cru
Um jardim invisível
Chama a vista

No bolo, a rosa amarela
Do jardim visível
Chama a vista

Os retalhos da colcha
Um jardim invisível
Chama a vista

A ferrugem na lata
No jardim visível
Chama a vista

Cada botão do vestido
Do jardim invisível
Chama a vista

A queimada levou o ar
Dos pássaros, levou o lar
Levou o jardim
A queimada,
Chama a vista.

Benjamim

O Benjamim desta história não é o “filho do lado direito”, “filho da felicidade”, ou “o bem-amado”, irmão do personagem bíblico José no Egito. Também não tem a inteligência de Walter Benjamin filósofo, ensaísta, esteta da chamada “Escola de Frankfurt”. Tão pouco me refiro a Benjamin Franklin, um dos líderes do processo de Independência Norte Americana, que redigiu posteriormente a Constituição dos EUA. Embora, em certa medida, nosso Benjamim esteja ligado às experiências elétricas do brilhante estadista/cientista.

A história de nosso Benjamim começa na escola, em uma “calma” manhã de quinta, com o 9º D, que teria aula dupla de Arte comigo e Tarsila do Amaral.

Estudávamos a obra de Tarsila, nossa artista maior, homenageada da Festa Junina. Uma festa que procurava aliar a tradição cultural com aspectos artísticos da cultura de nosso povo. Quem melhor do que nossa Musa Modernista?

Decidi que apresentaria a obra de Tarsila, ao 9º D, meus “anjos”, e também aos outros nonos, através do projetor instalado no pátio, de frente para o palco da escola, com telão e tudo a que tinha direito.

O prezado leitor deve estar se perguntando:

– Por que usar o projetor do pátio da escola?

Ao que eu respondo:

– O prezado leitor já esteve em uma escola e tentou utilizar a sala de vídeo, previamente agendada, sobretudo nas quintas-feiras, aproximando-se o fim de semana e nos meses que antecedem a Festa Junina? Bem se vê que o prezado leitor não conhece uma escola.

A sala de vídeo estava agendada para que outros componentes curriculares, “mais nobres”, pudessem empregar os recursos que a sétima arte oferece na contextualização do conteúdo, além disso, decidi utilizar um recurso da escola que era pouco explorado.

A mudança do local da aula, o tema exposto, a movimentação ao pátio, um telão para desfrutar das obras de Tarsila fariam bem ao 9º D, meus “anjos”. E cá entre nós: O 9º D, meus “anjos”, e os outros nonos também mereciam algo diferente. Tarsila o exigia!

Verdade que competiriam comigo e com Tarsila, diversos atores coadjuvantes como:

- As turmas que iriam para as aulas de Educação Física;
- As meninas das danças juninas, que neste ano inovariam ensaiando diversos números;
- “Quadrilhas” tentando cabular aulas de Matemática;

- As funcionárias da escola caçando os membros das “quadrilhas”;
- As visitas aos banheiros, localizados atrás do palco em que estava a tela do projetor;
- Equipes de instaladores de bandeirinhas juninas, antecipadamente, fazendo seu trabalho;
- Professores atrasados tentando chegar às suas classes;
- Classes atrasadas tentando chegar aos seus professores;
- Professores em módulo, suprimindo, às pressas, classes sem professores;
- Inspetores questionando o que minha classe fazia no pátio, se ainda não era a hora do lanche: – Assistir a vídeo no pátio? Com ordem de quem? Vou falar com a Dona Simone, com a Dona Tati e o seu Wagner!

- “Discretas” conversas de professores com estudantes, “acertadamente” levados à Direção, após divergências comportamentais/pedagógicas...

A lista continuaria interminável não fosse minha necessidade de “andar” com nossa história. Mas o balanço final, a meu ver, era mais promissor do que caótico.

Preparei a aula com uma sequência de imagens e textos que apresentaria aos meus estudantes: a vida de Tarsila, o contexto histórico de sua obra, mestres e obras que a influenciaram, obras de outros artistas, além das obras de Tarsila do Amaral, que sempre me impressionaram, independentemente dos modismos periódicos aos quais sua obra é submetida.

Trouxe de casa meu notebook, pois julgava que seria mais prático e ágil, não sem antes ouvir uma longa lista de recomendações de meu filho, conhecedor profundo das “habilidades computacionais” do pai, uma “fera da Tecnologia da Informação”.

Cheguei mais cedo para preparar os equipamentos. Afinal, Tarsila e o 9º D, meus “anjos”, mereciam o melhor.

Já no pátio, “tudo” estava ao meu alcance: projetor, notebook, tela, bancos para que os estudantes pudessem sentar-se, ambiente preparado.

“Tudo” pronto!

Tudo?

Antes de continuar, cabe lembrar que por uma, sempre, “sábua” decisão da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), foi criada a Norma Técnica NBR 14136 que altera o padrão de tomadas utilizadas no Brasil.

Para que o prezado leitor entenda do que estou falando e a “seriedade” do assunto, aparentemente desconexo de nossa história, reproduzo trecho em que um dos especialistas defende a mudança de padrão e a NBR 14136:

“Visto que no Brasil existiam vários tipos de tomadas e plugues diferentes, a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) criou a norma NBR 14136 que se refere à padronização de tomadas e plugues, de tal forma que pudessem garantir uma segurança do usuário no manuseio do equipamento, bem como eliminar o uso de adaptadores para a ligação dos plugues incompatíveis.” – (1)*

Como dizia: “Tudo pronto?”

Quase.

Quem sabia como ligar a fonte do notebook sem carga elétrica alguma, pois eu havia esquecido de recarregá-lo?

“Melhor” do que isso: as tomadas, raramente usadas, e “senhoras dos atributos elétricos” do palco, jamais “leram” a NBR 14136 e subjulgavam-nos ao atraso e escravidão tecnológica.

Resumindo: Eu tinha tudo de que precisava para minha aula com o 9º D, meus “anjos”, mas uma única tomada e extensão impediam qualquer namoro com Tarsila.

Solução?

Arranjar, em cinco minutos, o tempo que faltava para começar a aula, um adaptador, tão combatido pela nobre NBR 14136, também conhecido por Benjamim.

É neste momento que entra em cena nosso personagem: O Benjamim!

Chegando ao desespero de pensar em passar duas aulas tentando explicar as obras de Tarsila, sem ver as obras de Tarsila, busquei encontrar na escola, este lugar em que tudo é “muito bem guardado” fazendo inveja ao “Triângulo da Bermudas”, um Benjamim. Nesta hora, o “protagonista” de nossa saga.

Perguntei à inspetora:

– Dona Cida, sabe onde tem um Benjamim?

– Sei não professor.

Perguntei ao vigia, parceiro em todas as horas:

– Décio, sabe onde posso encontrar um Benjamim?

– Sei lá professor. Semana passada precisei de um, que trouxe de casa, mas alguém pegou e eu perdi.

Dois minutos para começar a segunda aula. Lembrando que seriam aulas duplas.

Que fazer para ter a aula do 9º D, meus “anjos”, com Tarsila?

Este encontro estava ficando dramático.

Foi quando alguém lembrou:

– Professor, lá na sala dos professores tem um Benjamim, ligando a cafeteira elétrica. E acho que o seu nome está nele.

– Eureka! – pensei.

Era verdade. Alguns meses antes, eu havia emprestado um Benjamim para ligar a cafeteria elétrica da sala dos professores. Nada mais justo que pegá-lo por uma aula e meia. Quando faltassem quinze minutos para acabar a aula dupla, eu devolveria o Benjamim e o café seria feito.

A aula do 9º D, meus “anjos”, com Tarsila estava salva. Tarsila teria seu merecido lugar de destaque.

Viajamos pela vida e obra de Tarsila nas duas aulas que tivemos e ficaríamos por mais duas aulas, não fosse pela hora do recreio. Aliás, retomamos as obras de Tarsila em outros momentos com o 9º D, meus “anjos”. E este foi exatamente o problema: nossa aula com o 9º D, meus “anjos” e Tarsila superou todas as expectativas e ficamos muito tempo além do que previa.

Conclusão: O café dos professores não foi feito.

Pior do que isso: naquele dia faltou a bolacha habitualmente servida.

Pior do que o pior, provando que as coisas sempre podem piorar: naquele dia fiquei no pátio conversando com os meninos e me esqueci do bendito Benjamim.

As nuvens da borrasca estavam carregadas e o céu se abriria sobre nossas cabeças!

Um pouco dramático, mas reflete o que se passou na sala dos professores, pelo que me contaram mais tarde.

Quando fui à sala dos professores pra pegar meu material da quarta aula e devolver o Benjamim, fui direto à tomada, sem sonhar com o que estava acontecendo.

Todos se calaram quando conectei a cafeteira elétrica: o responsável pelo “roubo” do Benjamim havia sido encontrado.

Neste momento, a diretora da escola, e aqui cabe um longo e necessário parênteses (uma ladie no mais profundo significado positivo da palavra, uma mulher que provoca admiração por onde passa pelo profissionalismo, empatia, busca de melhoria da educação e a quem muito admiro), entrava na sala dos professores informando:

– Gente, conversei com o vigia. Ele faz sempre alguns serviços elétricos para a escola. Vocês me falaram que ele usou a furadeira semana passada, mas ele disse que usou o Benjamim dele trazido de casa. Hoje ele não fez nada que usasse Benjamim.

O vigia, coitado, foi “acusado” de perder o referido equipamento irregular que a NBR 14136 combatia.

Ela continuou: – Eu providenciei um Benjamim para que a cafeteira elétrica possa ser ligada. Pedi para o Décio comprar um no depósito da esquina.

Mas, também tomada pela surpresa do aparecimento do Benjamim, a diretora chamou-me: – Ivan, você pode dar um pulinho na minha sala? – Afinal, ela queria saber o que havia acontecido.

Desnecessário dizer que o “sumiço” do Benjamim não ocupou muito tempo da diretora, que até deu boas risadas de toda a situação e entendeu o que tinha ocorrido: –... a aula com o 9º D, seus “Anjos”, é mais importante. Mas não retire o Benjamim sem avisar. – disse-me ela.

As “senhoras” tomadas antigas do palco também foram trocadas, retirando-nos da escravidão e trevas e atendendo a tão sábia NBR 14136.

Os professores ficaram um pouco irritados com o ocorrido, mas logo entenderam a situação: afinal o 9º D não era para brincadeiras.

Por fim, confesso que até hoje não sei o sabor daquele café que foi feito posteriormente, mas, com certeza absoluta, provamos dos frutos de Tarsila em sua “Feira”, viajamos no tempo com “La Gare” - 1925 e a “São Paulo” de 1924, caímos na folia no “Carnaval de Madureira” em 1924.

Não só por este motivo, há outros que como tijolos construíram nossa parede de relacionamentos com o 9º D, Meus Anjos, mas esta foi uma de minhas melhores turmas.

(1)- Mundo da Elétrica

<https://www.mundodaeletrica.com.br/padrao-de-plugues-tomadas-nbr14136-o-que-e/>



Indiferença

A chuva caía. Na calçada: a mão e o invisível.

Quarentena

Ansiedade: excesso de futuro.

Lembranças

Umbu: gosto amargo de sabor saudade.

Mão dupla

Ensinar: lançar luz no caminho.

Aprender: iluminar o trajeto.

Pulsação

O telefone toca.

O coração dispara.

Do outro lado: Aqui é a Gabi da “melhor operadora do Brasil”.

Impulso

Gotas escorriam pelos olhos.

Na cadeira rodante, dois desejos:

Regar a vida e colorir a própria história.

E ela não chegava nunca...

Boleia do caminhão, dia de mudança
 Corrida pelas ruas de terra vermelha, vulto a se distanciar lentamente,
 Pernas aceleradas, é preciso alcançar... mais um pouco...mais um pouco
 Imagem nítida, virada repentina... abraço do pai.
 Acalanto que socorre e consola.
 Grito que se avizinha
 Abraça, abraça, abraça
 Troca de colo, tristeza infinita
 Afago que não consola...
 Caminhada de retorno, puxão pelo braço, surra da tia...
 Pequenos olhares furtivos, desespero
 Colo do tio que afaga e amaina a angústia
 Saudade da mãe, do seu carinho, do seu calor, do cheiro da sua presença,
 Saudade da alegria.
 Pé de café carregado de vermelho
 Escada de ferro, parquinho de todos... Sobe – desce... sobe – desce... sobe e desce
 Mingau sem açúcar
 Saudade da mãe, do seu doce, da sua ternura
 ...
 Pesadelo insistente, despertar desesperado
 Acalanto do pai... questionamentos não esclarecidos... Mãe tão necessária
 Cano de ferro vibrando, engolidor de águas...
 Alimentador das fantasias pueris
 Forma de carne assada na guarida do forno... cheia de bichinhos
 Uva Niágara doce feito mel, nossa ceia!
 Chegada da mãe, olhar perdido, mãos que ainda não afagam, mas tateiam
 Chegada da mãe, boca emudecida, mas que sorri, mesmo que distante, mesmo que ausente
 Risadas sonoras entre roseiras, tempo de despertar, tempo de retornar, tempo de acolher
 Enfim juntos... finalmente somos seis!

Tempo é o que sobra para sentir saudades...

Lista sobre a infância

- Córrego (córrego)/esgoto a céu aberto
- Papai-da-rua
- Farinha com açúcar
- Ovo cru batido com farinha e açúcar
- Paninhos para cheirar enquanto chupava o dedo
- Doce de amendoim
- Xixi na cama
- Adrianinho
- Filhos da dona Rose
- Balão e testemunhas de Jeová no domingo

Adolescência

Cravos e róseas espinhas no coração

Poema curto

“O esgoto a céu aberto era meu parque de diversões”

Microcontos com 50 letras

Morreu e esqueceram de enterrar.
Levantou-se e voltou para o bar

Outra versão

Esgoto a céu aberto
Meu parque
De diversões

Foto de família

Meus caboclos, gente sofrida no corpo e no rosto. Gente colorida. Seriedade nas fotos. Registros que não falam a verdade. Tios que brincavam, ficam sérios. Tias sérias sorriem. Gente sertaneja, forte. Negra-branca-morena: Todos eles sou eu.

Caderno de anotações

1. minhas ações estão menos aceleradas. Mindfulness? Autocuidado?
2. urubus no céu da Mooca: fábricas que morrem
3. acordei com sono, mas feliz. Tive um sonho que as letras saíam das palavras. Acordei e elas estavam lá.
4. as aulas de chinês são poéticas por si só.
5. aulas às 19h!
6. conheci Henriqueta Lisboa: grande poeta!

Poema sobre ensinar

Ensinar é em si nadar
Saber: sabão do ser
Aprender, se arreperder

Ex-crer-ver

“Ler é ex-crer: ver
Qrer
Reveler”

Foi engano: atendeu ao ferro quente!

Poema sobre a infância

O pai da rua
A farinha com açúcar
O ovo batido
Arroz feijão e caldinho de feijão
Os paninhos de cheirar e chupar dedo
Doce de amendoim
no bar da Nalva: mãe do Adrianim
Meu xixi na cama
Meus amigos
O domingo de balões e Jeovás
Testemunhas de mim dormindo
Eu, Adrianim e os meninos da dona Rose
Borigotê Xinaha era nosso inventado japonês
Éramos Jaspion, Changeman, tudo junto
E gente se perdendo sempre
A céu aberto
No esgoto
De nossas diversões

Religião High-Tech

“Minha conexão está fraca”

Pandemia mundial

Só vejo gente mascarada



Vó Tatu

1. Muito nó no cabelo.
2. Vitamina de abacate da tia Júlia no meio da tarde, depois da minha amiga cair rolando do abacateiro e a gente achar que ela ia morrer
3. Cheiro do bolo de coco da Vó Tereza, sem desperdiçar nem uma gota do liquidificador
4. Barbie da prima tomando banho na praia do tanque
5. Passear pela Avenida Campos Salles no maleiro do fusca vermelho do vô Nato
6. Bicicleta cheia de lama chega no Tatu
7. Vó Tatu
8. Sereiar no fundo do mar, dentro da piscininha em forma de feijão
9. O calor da cama da minha mãe depois de brigar porque meu pai e minhas irmãs iam “emburrar” comigo
10. Danilo, menininho que eu dizia amar aos 7 anos, porque “ele tem o coração bom”

2020

De máscara, sobreviveu até novembro. Aglomerou no Natal.

Fim de ano

Sobreviveu a Novembro como se usasse máscara

Verbetes

Esqueleto: pedaços de estrelas
organizados em terra

Cafuné: sussurrar com os dedos

Amor: escolher pro outro o pedaço
mais gostoso do bolo

Ensinar & Aprender

Dar a mão ou quem sabe tirar o
chão para empurrar o voo
&

Ver pela primeira vez, mesmo
que de novo; abrir as asas pela
primeira vez, mesmo que depois do
centésimo tombo

Escutar o caminho do outro e criar
trilha junto, na floresta
&

Escutar seu próprio caminho e
criar trilha junto, dentro

Anotações ou Es-pon-ta-ne-a-men-te

1. Luta campal com uma barata no banheiro. Eu venci. Meu professor me conta que os índios não matam bicho nenhum, porque com tudo trocamos. Eu perdi.
2. Quarentena. O coentro que plantei acordou alegre ontem, murcho hoje. Reguei pra quem sabe amanhã.
3. A Mila é uma cachorra que sabe o que quer. Quando tomamos o caminho que ela não escolheu, ela deita. Mas não só deita. Ela deita na direção do seu desejo.
4. O morador quer um amigo. Mas jamais tiraria um cachorro de um abrigo. O sonho é encontrar um que o acompanhe, es-pon-ta-ne-a-men-te.

Fotografias em palavras

Foto 1: Mãezinha

Só assim me convenci que a minha mãe,
pessoa tão imensa,
já foi pequena.
No meio de tanta gente velha,
sem entender o que é fotografia.

Foto 2: Jardim A - manhã - tia Regina

Da grama do colégio Anjo da Guarda
brotam flores pequenas e inseguras em uniformes amarelos e azuis.
À direita, a professora Regina está cansada em 1992.
Hoje estará mais cansada ou já descansa vendo fotos antigas?

Muitas franjas mal cortadas, a minha inclusive.
Muitos sonhos estavam nascendo, os meus inclusive.
Muitos morreram, sem ar.
Outros, há tempo pra cuidar.

Meu relógio do refrigerante conhecido
se enrolava automático, no meu braço,
Nos mudamos tantas vezes de cidade,
Tanta despedida, que nem tempo, nem abraço.

O jardim tornou-se fantástico.
As flores pra onde terão brotado?

Os meninos, como estão mudados
Terríveis latifundiários podem ter se tornado?
Ou traidores rebeldes
de um interior conservador do estado de São Paulo?

As meninas, como são comportadas,
Terão apanhado demais da vida
Ou aprendido a revidar?

Aquela árvore desenhada no uniforme,
Na altura do meu peito,
Será capaz de inaugurar novos jardins,
Depois do fim do mundo que vivemos?

Foto 3: Lágrimas não morrem

A mesma camisa branca
Do vô
O mesmo brinco
Da vó

Evento importante
Pede visual importante

Nos olhos do meu avô
Correm rios
Brilha o tudo

Tinha um vazamento nos olhos do meu avô.
Foi assim que morreu
Depois da cirurgia de catarata
Barragem mal construída, desastre ambiental.

O vô foi.
As lágrimas não.
Lágrimas não morrem,
Hoje são rio sem margem nos olhos de meu pai.



Outra cidadezinha sem graça

Havia escuridão e tudo estava exatamente onde deveria estar.

O tapete cuidadosamente com os pelos bem escovados e levantados dando a impressão de ser novo. No sofá, duas almofadas bem-comportadas traçavam uma linha paralela imaginária. Uma mesinha de centro com uma toalha redondinha feita de crochê sustentava uma obra entreaberta com folhas empoeiradas e um pequeno porta-retrato de moldura acinzentada. A estante minúscula dividia espaço apertado com o Guimarães, Tchékhov e João Cabral. Sem quadros na parede, sem televisão, sem telefone.

De repente, a porta se abriu, a cortina de renda branca se espalhou e o tirim tirim do lustre estremeceu. Laísa chegou. Pisou no tapete sem se incomodar. Por um instante teve vontade de rasgar uma das almofadas. Diadorim caiu no chão e com ela jagunços, matraga, severinos, olga, maria e irina. Laisa não os socorreu. Estava tomada pela raiva e não havia mais nada para destruir. Desistiu. Largou-se no sofá, esticou os braços e com o porta-retrato nas mãos não conseguiu conter a lágrima. Tirou a sandália de salto alto e cuidadosamente abaixou-se para recuperar o passado da mãe. Era tudo o que lhe restou!

Fé

Areia no pé
Pereia

Vítima

Choveram flores e cores no seu fim.

Inocência

Psiu!
Dorme?
Finge dormir.

Tristeza

Amamentou com acalanto
E depois foi embora.

Bela

Esqueceu a idade
Para manter a indetidade.

Minha Nicole

Nasceu com os olhos azuis
e arregalados.
Espirrou.
Desmaiei.

Esperançar

Ganhou raiz quando aprendeu voar.

Para Coralina

Dosou a dor com doces.

Por igualdade

Trans
Transe
Informe
Forme
Transforme

Pobre

Acordou
Pão
Morreu
Duro

Pandemia

Anotação do dia:
Morreu.
Enfim, foi notado.

Solidão

Abriu a porta e só o vento entrou.

A conversa não saiu da minha mente

Desde muito pequena eu sabia exatamente
O que eu não queria para mim
Ainda menina, nas brincadeiras de rua,
de roda e de boneca
Eu traçava o que considerava como ideal
E ao longo dos anos busquei o ideal
Na adolescência, remói pensamentos
perversos.
Desatei nós de sentimentos mal vividos
E, todos os dias, mesmo errando,
Pedia em oração para acertar...

A mocidade foi passageira,
Tão rápida que quando me vi já era adulta.
O certo e o errado estavam latentes
Em todas as ações e omissões
Procurei adaptar o ideal ao meu anel
Ou vice-versa
Isto só o tempo vai dizer.

Mas tenho certeza que todas as escolhas
Foram baseadas naquele ideal
Que um dia eu tracei para mim

As emoções contidas e não vividas
Foram aquelas que
Não faziam parte da idealização
E esta também foi uma escolha
Racional e muito real

Todas as dores
Com exceção da morte
Foram dores bem distribuídas
Compreendidas na dimensão
Da vida escolhida.

E então, lembro-me da frase dita aos oito anos:
- Eu sei o que eu não quero para mim.

Segui linearmente as instruções
Daquela criança
Que sabia muito mais sobre a vida
Do que eu sei hoje.

Mas, ao vê-la no espelho,
Reconhecemos uma na outra.

A certeza de que fizemos o melhor!

Mais do que sobreviver,
Demos vida ao nosso sonho.
E o que antes era ideal
Hoje é real!

A missão de crescer junto com você!

Desde assim, tão petítica
Sabia voar...
O olhar arregalado,
Parecia ver o mundo como eu não via.
Explorava cada espaço
E suas mãozinhas pequenas
Seguravam tudo o que queria.
Eu não entendia tanta autonomia.
Dia após dia, na adolescência,
A mistura de doçura e rebeldia
Era tudo o que eu mais admirava e temia.
Demorei para entender
Que a história é tua e não minha!
Tolas, nós duas!
Até ontem eu não sabia
Que a tal redoma de vidro
Era minha e não tua!
Os laços que nos envolvem
Não são correntes que nos prendem,
São fitas de todas as cores que nos presenteiam,
Dia após dia, no amadurecimento,
A mistura de amor e respeito
Incondicional!



Cordas
Madeiras
Os sons tomam conta do ar
Eu
Deixo de respirar

Sinais

Aumenta a tensão
Se abre em flor
Menos paixão
Compreensão não

Amores e amoras

Quintal de vó, reunião de primos, subir em árvores, brincar de pic bandeirinha.

E assim a infância ganhava cor e sabor ao atravessar aquele minúsculo portão na cidadezinha do interior que minha avó escolhera como lar.

O cheiro da fruta no pé, a chance de vencer o medo de altura. A roupa tingida do sumo vermelho da amora. Era assim que a minha infância ganhava cores e suas mais belas memórias.

A simplicidade também morava ali. O banho com água aquecida na fogueira improvisada no quintal. A cama que abrigava até cinco de nós em uma noite fria. Era o calor de fora e o calor de dentro que ia preenchendo meus dias de férias.

Quantas vezes a flor da dama da noite foi a única testemunha da troca de segredos entre nós primas irmãs.

O cheiro da flor, o gosto da fruta, a cor da amora e o calor do fogo ainda hoje são elementos e compõem uma linda imagem do que pude viver na infância simples e rica de significados.

O palco é o melhor lugar do mundo

Na penumbra ouviam-se respirações ofegantes, alguém cochichava baixinho: inspira e respira. Estavam todos a postos, em breve a cortina se abriria. Que ansiedade, emoção, a qualquer momento seria a estreia em um palco de teatro. Não daqueles feitos de improviso na sala de aula com tecidos e papelões. Era real e tinha até uma pessoa responsável por acionar a luz e as músicas. Desde o primeiro ensaio no início do ano, sabia que seria emocionante, mas nada como estar ali vivenciando aquele momento mágico.

Quem diria, eu, a mais tímida da turma, ajudei a escrever um roteiro, ensaiei minhas falas, até discutimos como o nosso texto poderia falar sobre o respeito, a diversidade e o racismo. Afinal, se alguém pensava que a protagonista seria branca, como vimos em outras apresentações, a nossa representava com certeza nossas ideias e nosso grupo.

A cortina se abriu e todos puderam ver o colorido de nosso cenário, nossa cena final em que todos deveriam entender que só o respeito faria com que todos fossem felizes.

De alto a baixo, tiras gigantescas de tecidos coloridos, nós de branco representando a mistura de todas as cores.

Ao centro nosso amigo que, ao longo da peça, sofreu poucas e boas por não ser aceito, mas ao final estava ali com o universo inteiro, reverenciando-o.

Última música, última fala e a explosão de palmas tomou conta do teatro. Sou artista, já posso dizer para todos. Fiz minha primeira apresentação teatral. E todos vão me perguntar como foi que consegui, será simples responder. Se tiver uma Academia Estudantil de Letras em sua escola, com certeza viverá esta emoção também!

Camadas

Caiu a chuva
Lavou o rosto
Desfez as máscaras
Abriu-se o choro



O que vejo na minha foto...

Minha tia, irmã de meu pai, Florinda era seu nome, mas eu sempre ouvia 'tia Flor'. A Flor, para mim, não era coisa boa. Sua voz estridente, carregada de severidade, mas gostosa, não dava para se confundir. Foi ela quem disse: – Levindo, larga tudo isso e vem morar em São Paulo, meu pai foi. Ficamos todos amontoados na casa dela.

Minha irmã, mais velha que eu, era louca para se casar, mulher bonita e brava, dava cada beliscão! Ali, parece despenteada, era cheia de manias, não usava calças compridas e era muito feminina.

Meu irmão Marcelo, o olho de gato, era um dos mais brancos. Homenzinho feito, mas sempre junto de nós. Hoje é avô.

Eu sempre gostei dos braços e abraços de minha mãe, me sentia protegida, hoje olhando bem, eu é que a protejo. Nossos papéis, chega uma hora, se invertem. Ela sempre de mão no queixo, pensando no tempo que seu sofrimento teria fim. Dizia assim de meu pai – “Bate, pode bater, um dia você não me achará mais para tanta judiação”. Minha mãe ficou, e ele se foi.

Meu pai já curvado pelo tempo, mas ainda mostrava o poder de sua força, homem de poucas palavras, até para si mesmo. Coitado, tivesse falado mais, quem sabe não teria sido infeliz.

As cadeiras ali, somente três, seis pessoas. Entre os sentados estão minha tia e meu pai. Minha irmã, de pé, meu olho de gato, de cócoras, e eu junto, grudadinha com mamãe.

É um retrato em preto e branco, meio amarelado pelo tempo, nisso já se vão cinquenta anos. Aquele dia foi uma visita. Hoje, é outra!

Saudade

Ela ainda limpa o quarto da filha, mas já não chora!

Maternidade

Tum, Tum, Tum, Tum
– Consegue ouvir?
– Sim...
– É uma menina!

Lista da minha infância

Gotinhas de água pendiam dos dedos de meu pai que pareciam bem maiores;
Fogão a lenha, cozinha de terra batida, cumeeira, pau de sebo, era uma alegria;
Cotovelos pretos pelo caldo da cana;
Personagens das minhas histórias recortadas de revistas;
Aventura no prédio inacabado na escola Leonor Quadros;
Pés descalços na enxurrada;
A primeira palavra que acendeu minha luz: avião.

Uma lembrança no tempo

A casa era simples. Lá no morro, mais pra baixo, ficava o pomar, descendo um pouco mais, havia uma roça. Ele sempre vinha de lá com mandiocas arrancadas por ele mesmo. Era tão bom. Mais pra baixo ainda, tinha um córrego que era mais volumoso no vizinho, a gente pulava a cerca para brincar na água.

Para cima da casa tinha um pasto, uma caixa d'água, uma casinha abandonada. Uma vez, dormimos lá, foi aventura para mim, tortura para as crianças.

Cotidiano

Não falava. Fala muito. Calou-se eternamente!



Batom e vitrola

Trancadas com Mogli, o menino lobo.
Aventura na floresta de nosso quarto.
Casca e Baguera, pavor nos olhos de minha irmã.
Histórias na mão e na vitrola de tampa azul.
Emprestadas, mais tarde, ao neto de dona Brasilina.
Catapora dele ouvindo histórias.
E o paradeiro desses discos?
Nunca mais!!!

Batom, camisola, vestido, sapato, sandália.
Desfiles intermináveis na passarela do quarto de nossos pais.
Baixinha, minha irmã tropeçando em tanto tecido.
Risos abafados. Psiu!

Quatro horas... Boa tarde!
Donas Iracema, Nena, Judite e tia Rosa
Traziam o cheiro do cafezinho de minha mãe.
Chegada de bolo de cenoura, de chocolate,
Cuca gaúcha de dona Judite.

Com onze anos, nascimento de nossa caçula.
Fraldas passadas num ferro de brinquedo.
Papinhas, sucos, brincando de mamãe.
Depois de alguns anos, levando e trazendo da escola.
Contando e inventando histórias.

Lembrança de uma única boneca.
Retalhos, linhas e agulhas,
Roupinhas costuradas à mão.
Nada certo, tudo torto
Diversão necessária.

A mesma vitrola com Secos e Molhados
No Sangue Latino e no patrão nosso de cada dia.
Coreografias a três: eu, minha irmã e nossa vizinha.

Amarelinha, caracol,
Restos de tijolos riscando o chão.
Pulando corda... Foguinho, um, dois, três.
Bolinha de gude, rolimã, queimada.
Bola na parede: ordem, sem lugar, sem rir, sem falar.
Bicicleta vermelha.
Corrida no chão batido da rua de cima.
O vento no rosto molhado de suor.
Pés encardidos no chinelinho de dedo.

Almoço de domingo na casa da vó.
Que delícia estar à frente da penteadeira.
Mistérios rondando o feminino.
E a massa italiana vermelha
Nos pratos, na boca e na blusa.
No quintal, parreiras
Batuques e briga dos vizinhos.

A fúria das águas pelas portas.
Inundada nossa paz.
No beliche, os irmãos menores.
Gavetas, roupas, panelas.

A casa de nossa infância...
Permanência na memória
E nas fotos amareladas.

Outra paisagem descortinando o mundo!



Infância

Eram tempos outros,

Manhã de véspera do Natal
Árvore de Papel montada com maestria artística
O Cheiro de comida ao longo do dia
temperava a ansiedade para o encontro noturno
Uma ou outra Rabanada era furtada às escondidas
Deixando o doce sabor do açúcar com canela entre fugas e risadas

À noite, a família reunida,
Amigo secreto, troca de presentes e abraços,
mas, ainda assim, o maior presente eram sempre a presença e amor

O avô que fazia às vezes do Papai Noel,
ensinou que ser Noel é mais do que vestir-se a caráter
e transbordava-se em Amor

Dias depois Férias no Sul de Minas Gerais
Cheiro e gosto de fruta “panhada” direto do pé
Dias de sol e aventuras
Brincadeiras subindo e descendo nas árvores;
Histórias de malassombros antes de dormir

Eu era feliz... E sabia!

Cargas d'água

Quando chove,
em algum lugar renasce a esperança em brotos,
em outros,
brota alagamentos desesperançosos...

Metamáscara

Atualmente,
o uso da máscara é obrigatório:
para esconder máscaras opcionais de outrora.

Ausências

Em um mundo repleto de informações e conexões,
pulula tanta desinformação e solidão;
Em um teclado cheio de letras,
faltam-me palavras;
quando a boca silencia,
a mente acelera-se em possibilidades.



Ora, bicho! Ora, menina!

Era uma menina e bicho,
Que adorava brincar
Com os cabelos vermelhos
Na sua casa a ficar

Ora cachorro, ora menina!
O que a imaginação mandar!
Sem pressa, vendo o tempo passar!
Parecia passarinho a voar.

Tinha bichos, alguns tipos
Nada de pelúcia,
Nem brinquedo de montar;
Era tudo real, gostosura de palpar.

O latir do cachorro,
Galinha e galo a cantar
No poleiro dormia
Acordavam antes da luz clarear

Quando a rotina começava
O café provindo exalar
Toda minha gente em pé
A confusão iniciar.

Todos ao mesmo tempo,
Disputando para entrar
Resultado de um banheiro,
Para todos ocupar.

A mistura era certa,
Ora, bicho! Ora, menina!
As brigas não eram de assustar
Aí, quando a mãe dizia:
– Sem discussão, já é hora de parar!

E quando tudo se aquietava
A máquina de costura iniciava
Sua jornada para o sustento
E sua peleja diária!

O som da bomba do poço
O latir do cachorro,
O piar da galinhada,
A menina gritava,
– É para a água tirar?

Tudo muito divertido,
Sorteio de afazeres,
Para todos contemplar
Quarto, sala, cozinha, banheiro e quintal
Dividindo o trabalho matinal!

Tinha até a feitiçeira!
Com suas essências, emanar!
Fazia os alimentos,
Para o coração suspirar,

As bricadeiras eram de horrorizar!
 Subir no guarda-roupa
 Soltar pum dentro do saco;
 E culpar o outro pelos estragos!

Pôr comida pros cachorros,
 Bombear água do poço,
 Seringa no carnaval,
 Guerra de mamona,

Ora, menina! Ora, bicho!
 Até o primeiro chorar.
 E lá que vinha o castigo,
 Dois dias sem brincar!

Chão de terra e pé descalço
 Menina e bicho, há que se misturar!
 Não dava trégua nem para a lombriga
 Que não tinha tempo nem de se instalar
 Pois já havia uma naquele lugar!

Feliz de quem viveu;
 E tem coisas para contar!
 O que seria da menina;
 Sem a memória se “internizar”.

Lembra-te?

Dos versos?
 Lembra-te?
 Da luta, da dor, da alegria,
 Das fantasias!

Lembra-te?
 Das paredes azuladas, em desarmonia!

Lembra-te?
 Das discrepâncias dos gostos e cheiros!

Lembra-te?
 Dos assobios em harmonia!
 Que transcendem ao pertencimento.

Lembra-te?
 Do homem, à vida;
 Ao leito, em que espera.

Lembra-te?
 Do privilégio ao ouvir;
 As finalidades dos versos,
 A chegada tardia!

Lembra-te?

Leituras de memórias!

São lembranças preciosas;
 Quem já não teve um bicho de estimação?
 Ou pelo menos, quem não o quis!
 Tive muitos, de soleira!

Vindo de um homem matuto;
 Apesar de pelejar,
 Cumpria seu jugo
 Com amor de arrepiar.

Fez galinheiro, cercado para o cachorro.
 Dividíamos os espaços;
 Tinha bichos, alguns tipos!
 E agora vou listar:

Desde galinha, galo índio e de angola
 Codorna e passarinho.
 Cachorro, para apreciar.
 Dava até para se alfabetizar.

Mas o que mais eu admirava
 Era a ordenação na madrugada
 Galo e galinha a “cocorijar”,
 Se no poleiro dormiam
 Como sabiam a hora de acordar?

Contudo não era só eles
 Lá vinha o seu Zé Betio a chamar!
 Acorda que já é hora,
 Do trabalhador começar.

Liberdade

O que sou?
 Liberdade!
 Queres tu seres livre,
 Ao meu lado?
 Andarás em zigue-zague?
 Não peço que me olhes com teu olhar!
 Mas sim com o meu olhar;
 E nem que te compadeças,
 Dar o amor em plenitude;
 Tudo aquilo que tens para dar!



Deserto

Nó na garganta, lembranças de tempos anteriores em que o sonho se misturava ao real, em que o peso do ar era mais leve e em outros momentos mais pesado e cinza.

Tempos de sonho adolescente em que nos sentíamos inatingíveis, poderosos, imprudentes, destemidos, mas, ao mesmo tempo, com medo da transição.

Uma passagem cheia de incertezas, mareada em sentimentos contraditórios e intensos que nos consomem.

Mas, de repente, a vida nos oferece a oportunidade do encontro com a solidão do poço e ele pode nos mostrar as várias faces internas deste local. O fazer-se por si, ser a sua melhor companhia e bastar-se, apesar de tudo.

O sábio desce ao poço onde nas águas encontra o seu espelho e, como Narciso, ele pode se ver refletido. Neste momento ele percebe que pode se apaixonar pelo seu eu refletido e tomar-se pelo seu egocentrismo ou aprender a se doar e ensinar. Não sendo mais apenas o seu eu sozinho, mas a partilha do seu ser construindo o novo e estando presente não mais somente em si, mas no todo.

Mas como também não se inebriar com esta segunda possibilidade e perder-se novamente, voltando ao ponto inicial?

Ao sair do poço com mais dúvidas que respostas, o sábio ainda está perdido em seu deserto. Como poderia oferecer saídas se agora ele tem junto a si o medo. Pois quando se sabe muito, percebemos que existe ainda muito a se descobrir. E agora?

Agora existe o medo.

O medo do não pertencimento, de ser julgado, excluído, o de não bastar.

O que eu reflito? O que eu vejo de mim no outro? E por que isso me aflige? Por que esta busca pela aceitação?

Esta dose de intensidade, tão difícil de se calcular, entre o abrir-se e o fechar-se para a vida, pode nos ensinar muito sobre o como é vivermos juntos, mas separados dentro de nossos próprios desertos...

Flores de Manacá

Não havia lugar mais seguro
Que o berço de minha família...
Ser criança, boa lembrança,
Estar com eles, só alegria.
Quando a lua já espiava o dia,
A Mãe da Rua, brincadeira de criança,
Ficava para trás, era abrir o portão,
Sentir o perfume que exalava
Das flores de manacá,
Paixão de meu pai!
Era ouvir o coaxar de um sapo que, no quintal,
Bem pertinho dos pés de cana, insistia em ficar.
Chupar os bagos de cana
Doçura de família,
Era momento de riso solto,
De adoçar a alma;
Doces lembranças da infância
Como a brisa do vento nos cabelos,
Suavidade, ternura, família.

Regresso

Regressando ao passado
Encontro aquela menina
De cabelo cacheado
Ouvindo a chuva fina

Essa mesma menina
Que ficava tão encantada
Na janela daquela casa
Sentindo o cheiro de terra molhada

Que saudade daquela menina
Ficou seu retrato na janela
E sempre que regresso para dentro
É buscando encontrar-me com ela

Reflexo
Olhando para você
Enxergo um tanto de mim
O DNA, esse não ajudou
Mas a alma e o gênio sim

Você tem uma parte da menina na janela
E nos pequenos gestos que faz
É impossível não me encontrar
A menina da janela, de tempos atrás

E no cotidiano, por vezes intenso
Encontro calma no seu eu
E sei que aquela menina
Está presente no reflexo seu

Para minha pequena filha, minha Lua

“Pandesia”

Em meio aos “absurtos” dessa quarentena
Muitas coisas se anunciaram, talvez centenas
Sobre este barco que estamos e abandona o cais.

Quanto mais tempo no mar,
Menos tempo para amar,
Tanta gente a se isolar,
Mesmo querendo beijar e abraçar.

Quanto mais se afasta, menor parece o barco
Para quem fica ele vai diminuindo,
Para quem o espera ele vai surgindo,
Tudo é uma questão de olhar...

De viver e de sonhar,
Aprender e ensinar,
E acima de tudo acreditar,
Que um dia vai passar.

Lembranças

Amanheceu
 Brinco com a luz do sol que sai da janela
 Cheiro de café permeia o ar
 Doces recordações
 Esperanças renascem
 Filme em preto e branco de lembranças
 Gravitam em meu ser
 Hoje mulher madura
 Inesquecíveis memórias de outrora
 Jamais esquecidas
 Lua no céu estrelado
 Mar de travessuras
 No caminho que tracei
 Ontem lembrei
 Perfume da manga
 Que comia enquanto lia e fugia
 Realidade esquecida de tormentos
 Saudades da vida simples
 Terra molhada, dia de chuva, pés ao chão
 Únicos momentos que jamais deixarei
 Vida, viva, viagem no tempo
 Que jamais esquecerei.

Ler, pensar, refletir e resistir.

Eu

Nasci,
 Com leveza na alma e, ao mesmo
 Tempo, transbordando intensidade.
 Transbordo sensibilidade.
 Tem dias que me sacio em calmarias literárias.
 Em outros ...
 Só anseio por café, bolo de milho e bom papo.
 Amo tudo o que vem puro
 e de própria vontade.
 Não me contento com menos do que mereço.
 Mas quando me deparo com minhas dores e medos,
 Entro para dentro do casulo
 E assim vou enfrentando minhas tempestades,
 sobretudo sorrindo pra vida.
 Porque aprendi a duros golpes
 a jamais me perder e esquecer de que posso
 ser tudo que preciso.
 Basta sonhar e acreditar.

A paixão de uma professora!

Desde muito pequenina
Numa fazenda, lá em Sergipe.
Sonhava em ser professora
No quintal e com estudo vip.

Os anos foram passando
E minha vontade crescendo.
Com meus pais, vim para o Sudeste
E vi meu sonho renascendo.

Quando em São Paulo cheguei
Nesse lugar me encontrei,
Aos 10 anos de idade
Aulas de reforço eu dei.

Quando na adolescência entrei
Numa empresa fui trabalhar,
Aproveitava a hora do almoço,
Para com os colegas estudar.

Aos meus 17 anos
Comecei a namorar,
Meu pai foi logo me dizendo
Que se namorar, teria que casar!

Só aos 20 anos me casei
Alguns meses depois,
A todos comuniquéi
Que no Magistério ingressei.

Meu marido me apoiou
No meu percurso discente,
Assim continuei me preparando
Para minha vida docente.

No término do magistério
No concurso, eu passei
Iniciei minha carreira
Naquilo que sempre amei.

Quem pensa que me formei
e parei de estudar,
Se engana, foi aí que descobri,
Que a universidade é o meu lugar.

Mesmo sendo professora
Continuei a me especializar.
Quero que todos saibam
O prazer que isso me dá.

Um sonho lá, da infância
De uma menina faceira,
A vida me transformou
Numa professora arteira.

Muitos anos se passaram
Hoje me aposentei.
Engana-se quem pensa
Que minha carreira encerrei.

Leciono numa universidade
No curso de Pedagogia,
Ensinando que a vida docente
Para sempre contagia.

Hoje minha família se orgulha
Por eu ser professora.
Uma profissão tão linda,
tão nobre e encantadora.

E assim termina a história
Da pequena nordestina
Que sempre acreditou
No seu sonho de menina.

Ensinar é aprender

Como assim?
Amando cada Ser
E como aprender?
Olhando para dentro de si e ressignificando
o seu saber.
Mas quanto ao ensinar?
É respeitando os limites, os espaços de cada Ser,
sempre valorizando o querer aprender.
Sendo assim: Ensinar é caminhar,
Sonhar, intensificar e amar.
Enquanto aprender é acolher,
Entender, desenvolver e viver.

Infância noite e dia

Na fazenda era assim:
Canavial, engenho e usina.
Lua cheia tão redonda,
Vagalume pisca-pisca.
Brincadeira de passar anel,
Lampião dentro de casa,
Criançada tão feliz!
Quando amanhece o dia,
Com o sol brilhante e ardente
Riacho cristalino,
Subidas em cajueiros
Vida de crianças inocentes
E felizes para sempre!



Meninice

Tuniquinha corria
Pelo quintal de terra
Com uma agulha de injeção
Cravada em seu céu da boca
Cadela parideira
Teve dez filhotes
E um por sorte
Sobreviveu

Quando ele chegava
Vindo de algum lugar do Brasil
Mané, caminhoneiro
Extrovertido
Suas histórias
Me conquistavam
Em 2018 fenecido

Pai, mãe
Brigas e bebedeira
Meu refúgio
Ouvir Fundo de Quintal
E Bezerra

Em soma
Descer uma ladeira
De bicicleta
No barro
Sujava tudo
Mas o que gostava no mundo
Era uma boa guerra de mamona

Na horta da vizinha
Hortaliças pegar
Pois tinha um saco de bonecas
Pra sustentar

Cheiro de mato
Subia ao nariz
Porém o que me fazia feliz
É me imaginar
No paraíso
Das revistas das testemunhas
De Jeová

Tudo na casa de uma conhecida
Que na ocasião
Não me recordo
Rosto, nome e localização.

Ensinar...

É te mostrar o caminho
Ajudar com seus passinhos
Segurar na sua mão
Às vezes até deixar cair no chão

Aprender...

É traçar sua própria estrada
Ver a história bem empregada
Ter o poder de escolher
O melhor jeito de viver



Ecos do trem - parte 01

Pai, o cabelo branco nasce branco?
Ou decide ficar branco de repente?

Ecos do trem - parte 02

Quantas de nós choramos em silêncio...
Depois de algumas lágrimas caídas, a primeira interação foi o facebook.

De frente com Luísa

Escolhi ser Fada do dente
Já que borboleta não posso ser.

Vivências vividas

Eu vou contar que aqui é meu lugar
nas memórias das estórias
das lembranças do caminho
das saudades
das verdades
das coisas inventadas
dos sonhos não sonhados
dos inventos de uma infância roubada
mal contada

bela, romântica, leve
só na imaginação para afastar a solidão

nem toda criança tem infância
ânsia
boa, doce, rosa, colorida
arco-íris, balão

mas toda criança brinca
cria, imagina

barraco castelo
lama piscina
rio oceano
barco cadeira
madeira cavalo
garfo avião
caixa casinha
casinha de papelão.

Olha o Coco

Toca que toca
que toque
que toco
que coco
de roda que toca

Bernadete

Bernadete vai para escola
 saia franzida
 meia branca erguida
 sapato brilhante engraxate
 camisa branca esticada
 orgulho de mainha e painho

Bernadete vai para escola
 pulando, cantando
 chutando bola

No caminho da escola
 uma paradinha
 aquela cachacinha
 escondida da Dona Maria

7 de setembro
 Dia da Independência!

Independência de Bernadete
 que joga bolinha de gude
 cuida dos gados
 busca água no poço

menina moleque danada que faz o que quer
 só não consegue subir na jaqueira
 moleca pequena nem sempre consegue
 o que quer

Bernadete posa pra foto
 olhar firme certo
 não titubeia
 sabe bem o que quer

retrato preto e branco
 exposto na prateleira
 orgulho da infância
 que em São Paulo virou lembrança

na “cidade progresso”
 Progresso? Pra quem?
 Bernadete não foi mais pra escola
 todo dia virou dia de fábrica de chão

saudades dos dias felizes
 vividos no sertão
 do banho de rio da Tia Odília
 dias que só de lembrar e contar
 os olhos brilham
 a imaginação voa
 o coração aquece
 a saudade aperta

saudades dos tempos de infância de
 Bernadete
 que gosta de ser Bereu
 mas prefere mesmo é ser Bel.



Fome de justiça

Em meio a um caos medonho,
havia um povo tristonho,
sofrendo com medo e dor.
Porém o que mais lhes consome
é o medo da fome,
só sabe quem já passou!

Buscavam sempre um culpado;
Era o pai desempregado?
Era o salário cortado?
Era a força da rotina?
O preço da gasolina?
A falta de fé ou era sina?

Eram muitas as indagações...
Corriam para as igrejas, para fazer orações.
Sabiam que, com certeza,
Deus não deixaria faltar à mesa
o pão para os inocentes,
para as pessoas idosas,
para os fracos e doentes e
para crianças carentes!

Vamos fazer uma corrente para ajudar o nosso “irmão”?
A corrente da amizade,
vai ajudar a sociedade,
passar por mais essa provação.

E conforme o tempo passava,
as forças fracassavam.

E impotentes, diante da perda que não poupava nenhum.
Alguém sempre se lembrava, estamos no século XXI.
É o século do Progresso e da Globalização.
Vamos fazer a vacina?
É a nossa salvação!

Recorreram à medicina e à ciência
parceira.
Foi corrida contra o tempo e muita preocupação,
pesquisas em laboratórios para chegar à solução.

Enquanto o povo coitado,
Vivendo num caos danado,
Muitos já desempregados,
com lutos, miséria e dor.
Eu confesso não saberia,
descrever tanta agonia.
Se não fosse professor!

Um vírus nos ensinando:
Um denominador comum.
Nada menos, nada mais.
Na vida, perante a morte, os humanos são todos iguais!

Sofre o pobre, o milionário
O analfabeto, o universitário.
Sofre o negro, sofre o branco.
Sofre o vermelho, o amarelo.
Sofre o feio, sofre o belo.
Sofre o novo e sofre o velho.
Sofre o inocente e o culpado.
Sofrem ricos artistas, conhecidos no mundo inteiro.
Sofrem pessoas anônimas que não têm nenhum dinheiro.
Com o inimigo invisível ninguém se atreve, ninguém se mete.
Para a comunicação e o trabalho recorrem à internet.

Mas... uma grande euforia
ocorreu naquele dia...
Correram para as escolas,

muitos levando sacolas
e documento na mão,
atendendo ao comunicado
que tinha sido postado,
pela nossa Direção:
– Corre, corre minha gente!
Venham buscar que é urgente!
Não podemos esperar!
–Venham buscar sua cesta!
Tem cereais, frutas e verdura,
que chegou da Prefeitura!

– Venham ver quanta alegria!
A nossa escola é uma euforia!
– Vamos, vamos registrar!
– Tire foto minha gente, nosso povo está contente!
Não é a “beleza” ou o “look”
É pra postar no Facebook,
para o povo replicar!
É mais uma lição de vida, solidariedade e amor!
Vamos ensinar ao mundo o que faz um professor!

Enquanto os pais iam à frente,
carregando suas cestas de alimentação, os filhos
vinham bem devagarinho, atravessando o corredor,
folheando os belos livros que a escola lhes entregou.
Passavam os olhinhos espertos,
para ver o que ganhou,
não se importando com o gênero
se era poesia, conto ou terror.
Porque foram acolhidos com carinho e muito amor!

E saboreando entendiam
a doce lição,
desse mais puro Valor,
uma sociedade mais justa
tem livros e tem professor!



Felicidade é o que importa

Galo cantou. Clareou?
 Pulei da cama,
 Afofei o colchão de palha de milho
 e o travesseiro de penas de galinha.
 Que cheiro bom de café torrado!
 Era minha avó fazendo a torração semanal.
 Fogão a lenha, café quentinho, pão saído do forno.
 Leite? Tinha sim.
 Canequinha de alumínio, curral.
 Caí...encheu de terra.
 Meu pai sorriu, me servindo leite quentinho e espumoso...

Alimentar as galinhas, rastros de milho, pulos,
 cantos, asas abertas, danças ritmadas.
 Dia de fornada, crianças buscam folhas de
 bananeiras, mulheres amassam o pão.

Muitos pães!
 Almoço, porco morto, chouriço, linguiça, banha.
 Tudo para curar e armazenar na despensa.
 Novena? Sim tinha.
 Velas, rosário de contas, rezas ritmadas, véus,
 vestidos de chita.

Domar cavalo bravo...Uma festa...
 Sobe cai...sobe cai...gritos e urros.
 Domingo.
 Missa? Sim, missa.
 Roupas novas, sapatos brancos, laquê no cabelo e
 ruge nas faces.

Romances ocultos e proibidos... muitos.
 Atrás da igreja, lugar preferido
 Festas. Eram realmente festas.
 Sanfoneiros, xote, baião,
 levantando poeira do terreirão.
 Chimarrão à noite, cadeira de balanço, vizinhos e
 causos, muitos causos
 Assombração era assunto principal, mortos
 assustando vivos, lobisomem e saci.
 E as crianças? Aprisionando vagalumes.

Tristezas? Não, nunca.
 Se tinha não eram conhecidas.
 Criança que vivia livre, pés descalços, vestido de chita,
 cabelos voando ao vento...
 Sonhos? Futuro?
 Nem pensar...

Infância

Manhãs de sol
Cheiro bom
Café fresco e pão torrado
Mingau de vó
Cheiro de mãe
Colo de pai

Dançar Carlos Gardel no colo do pai
Desbravar a “terra vermelha” com os irmãos
Balançar na corda pendurada na árvore
Rodopiar pela sala como Salomé
Cantar na banda improvisada com os irmãos
Rolar na grama da praça

Ovinhos de Páscoa pela casa
Nhoque de farinha da vovó
Carne assada com batatas da mãe
Biscoitos feitos com o pai
Pudim de leite
O Presépio
A bebê

Berço carruagem
Irmão cavaleiro
Valdo x Manequinho
A tartaruga
O periquito
O cachorro
Os gatos

Olhos de criança
Cheios de curiosidade
Vida de criança
Momentos de felicidade!

Delitos de uma infância

As imagens não me são tão nítidas.

Hoje do topo dos meus 40 anos, creio que olhar por trás dos olhos daquela criança que fui pode me trair ou induzir ao erro.

No entanto, sempre que revisito aquele lugar, sim, sempre que retorno lá, as lembranças surgem. Brotam como néctar pra uma abelha. Os gostos, os aromas vêm à mente instantaneamente.

Eu os sinto.

Os cômodos eram grandes, os móveis eram poucos. E os que tinham, eram gastos, surrados.

Localizada aos fundos do quintal. Naqueles tempos costumávamos ter quintais enormes, com grandes espaços reservados aos canteiros de terra, como aqueles que eu encontrava nessa casa. A casa da minha infância.

Era o cenário perfeito!

Atrás dela havia ainda mais terra; um grande terreiro seguido de um galinheiro. Sim, também costumávamos ter galinhas e outros animais caseiros, fossem eles pra consumo ou companheiros das aventuras.

Na frente da casa, na lateral esquerda, colados ao muro limítrofe com o vizinho, havia um pé de romã, uma roseira e várias outras plantinhas medicinais, poejo e hortelã, com as quais fazíamos chás e tomávamos a fim de curar gripes e outras maledicências infantis ou as apanhavamos para preparar as “comidinhas”, logo que se aproximava o almoço, num tempo que só nós sabíamos qual.

Ali também ficava o único espaço revestido. Era de uma lajota barata qualquer, aliás tudo ali era muito simples, coisas que demandavam poucos recursos. Caras somente, eram as coisas que não se podiam comprar, talvez nem se podiam apalpar. Eram de valores inestimáveis, alcançáveis somente através da imaginação e criatividade daquelas crianças, na maioria consanguíneas.

Criávamos mundos inabitáveis por qualquer um que não soubesse sonhar.

E imaginávamos os mais diversos personagens, que na maioria das vezes utilizavam fantasias que se desfaziam com um bom banho quente no final do dia.

Tinha dias que devastávamos florestas. Em outros, navegávamos os sete mares.

Éramos bruxas e fadas, bandidos e mocinhos, num só dia.

Roubávamos amoras e goiabas das casas vizinhas, ou afundávamos o dedo no bolo posto pra esfriar.

Eu cometia aqueles delitos. Todos eles.

Confesso!

E não me arrependo.

Eu vivi!

Emoções

Quando você crescer irá saber... Para tudo há seu tempo certo!
E a resposta se repetia... Dia após dia. Seguida a cada pergunta prematura que a menina fazia. Os assuntos dos adultos eram assim mesmo. Como segredos bem guardados.
E a menina cresceu, virou mulher..
E, ainda, muitas e muitas daquelas perguntas não haviam sido respondidas.
O amor chegou, enfim..
Abriu qualquer baú ou cofre de segredos, escancarando-os bem ali. E utilizou-se para isso da chave-mestra.
Amou com toda a sua força e com toda a urgência dos que estão apaixonados.
Sorriu, alegrou-se e exultou-se de prazer..
E sentiu no corpo, na alma, a chuva de verão que refresca tanto quanto evapora ao tocar o solo.
Bendito contraditório sentimento dos amantes. Da pele exalavam os segredos que outrora lhe haviam sido escusos. Da alma a leveza que a fazia flutuar..
Também fez doer..
E entristecer..
E a mulher desejou muitas vezes voltar a ser menina..
Mas o que ele trouxe de bom... superou as marcas e as cicatrizes que ele mesmo fez. Mesmo que elas, as cicatrizes, ainda estivessem ali para fazê-la lembrar..
Amor se cura com amor..
Outra ternura, apreço e benquerença acalmaria tudo o que afligia.

O pote misterioso!

O pote pequeno com tampa decorada e um coração ao meio, unindo as duas pontas do majestoso laço rosa, costumeiramente ficava ali, em cima da geladeira.

Dizia conter um ingrediente especial. Sua composição, guardada a sete chaves por Donana.

Muitas vezes, eu a contemplei escondida por trás da rodabanca, enquanto ela o abria, apalpava com as pontas dos dedos algo imperceptível aos olhos dos desprovidos e salpicava por cima do prato que preparava e o colocava pra cozinhar ou assar. Eu, ali escondida, no entanto, com meus olhinhos brilhantes, observava tudo, e ansiosa aguardava para saborear a receita que vovó preparava.

Fartava-me daquilo que ela ofertava. Certamente, as crianças são as que mais se beneficiam nesses casos.

Era também utilizado, em outras diversas situações...

Certa vez, acordei no meio da noite chorando, após ter um sonho mau. Mais que depressa, Donana encheu um copo d'água e despejou uma medida generosa do ingrediente misterioso. Deu-me de beber, juntamente com um beijo em minha testa.

Adormeci embalada pelo efeito da bebida mágica que ela preparara. E quando amanheci, ainda podia sentir o gosto doce que ela produzira em minha boca.

O segredo da felicidade

É guardada a sete chaves.
Um segredo que poucos descobrem...
Uns passam a vida inteira procurando.
Não encontram!
Uns dizem que ela se encontra ali, atrás daquela colina.
Outros que a encontramos no final dos arco-íris.
Há quem diga que ela está nas noites frias de inverno, mais precisamente na
xícara de leite quente com biscoitos que tomamos para nos aquecer.
A minha, porém, não está muito longe;
Está nos dias quentes de verão.
Nos raios de sol.
Na chuva serôdia que alegra a plantação.
No orvalho que cai todas as manhãs,
Na criança que corre ali ao alcance dos meus olhos,
Em tudo que cabe aqui na palma da minha mão.
No filho que repousa no ventre meu.
Na vida que amanhece a cada dia...



O príncipe que usava óculos

No Reino dos Míopes, todos usavam óculos.

Diziam que para enxergar longe apenas boas lentes de grau dariam um jeito.

O rei, muito sabido, queria que o Reino dos Míopes fosse conhecido por suas proezas de ver além do horizonte.

Para isso, criou o concurso “QUEM ENXERGA MAIS”. O jovem que provasse que enxergasse bem longe não só ganharia parte do reino como se casaria com a filha única do rei.

Os dias passaram-se e o grande momento finalmente chegou.

O primeiro a se apresentar foi MIOPEDES, jovem guerreiro de muitos talentos.

– Mostre-me o que enxerga, caro rapaz. – disse o rei.

– Enxergo as estrelas sem o uso de lunetas. Basta arregalar os olhos que as vejo perfeitas.

– Bravo! Bravo! – Todos gritavam.

O segundo a surgir foi ESTRABISMADO, expoente escritor daquelas redondezas.

– Mostre-me o que enxerga, caro rapaz. – disse o rei.

– Sou estrábico, mas não sou bobo. Forço um olho no outro e logo enxergo um globo.

– Fora! Fora! – A plateia não gostou, mas o rei acenou para que todos se acalmassem.

O terceiro candidato foi o ASTIGMÁTICO, tipógrafo renomado e estimado por todos.

– Mostre-me o que enxerga, caro rapaz. – disse o rei.

– Embaçado logo se vê, mas por trás da nuvem branca é um sol brilhante que enxergo, podes crer!

– Uhuuuu!!!! – Todos gostaram, mesmo alguns não crendo nisso.

O quarto jovem chamava-se RETINALDO, alfaiate cheio de estilo.

– Mostre-me o que enxerga, caro rapaz. – disse o rei.

– Sou importante para que se vistas e assim digo: vejo extraterrestres que vagam nas corréias das noites.

– Ohhhhhh!!! – Um som uníssonosou.

Por fim, o último candidato apareceu. Foi OCULINO, jovem marceneiro do palácio real.

– Mostre-me o que enxerga, caro rapaz. – disse o rei.

O moço olhou para a linda princesa, que até este momento não tinha aparecido na história, colocou os óculos e fixou o olhar na donzela.

– Sem os óculos não consigo vê-la nitidamente, mas basta fechar os olhos que vejo seu puro coração, a beleza do seu sorriso e a grandeza de suas atitudes. Então, para confirmar essa certeza, coloco meus óculos no rosto e tenho toda a clareza!

Um silêncio se instalou no salão real, seguido de uma grande salva de palmas que se ouve até hoje, segundo as lendas.

OCULINO foi declarado o admirável vencedor! Ganhou parte do reino, mas o que mais gostou foi ter ganhado o coração de seu grande amor.



Ocupação poesia

O pirimpim dos pássaros
no quintal
tiquetaquea
o nascimento
anunciação incontestável
repouso leve
como faca cortante
no peito

Por que pega e envolve
em momentos sem relógio
em conflitos pela pura sensação de vida?

Por que vem rasteira e grandiosa
cerca a realidade incompassada
incompatível?

Por que crava com unhas e dentes
mientras suplico?
– me salva deste mundo em que todos
têm autoritária razão!
– me salva de sê-los

Provoque o pulsar
a natureza do olhar
do desrealizar
seja em meu ser sendo

O pirimpim das palavras em mim
anuncia o imensurável
ressurgimento

antes do poema
a poesia é domínio
pássaros palavras no quintal

grata, contemplo
te aprendo de cor
tiquetaqueando
no mundo teu eco

Poemar

poema é mar descalço
na palavra areia corpo
arrepio e espanto
de olhar o horizonte
quando o sol dorme
e as
nuvens
passam

Ser

Quem sou?

uma folha em branco
quando a memória
do sonho na noite
ainda aquece o sono

Ânimas

no centro da sala
na casa da vila
deitada na rede
observa quem passa

da janela a chamam
duas mulheres

a velha louca e sábia
falaafiada

a outra alegre
fada leve
que ignora a senhora

deitada na sala
responde às ânicas
que por dentro ficam
dialetizadas

Rio

sou a menina
que no fim de tarde
segura o espelho
mas não segura
o rio que nasce nos olhos e
escorre
nos
lábios

Olhar

olho, olho, olho
o corpo ereto
cabelo, peito,
batom vermelho
sob a carne pulsante
espelho no teto



O outro

Eu me chamei,
De lá de dentro.
E o que eu escutei,
Foi apenas “eu”.

Quando te vi,
Precisei te nomear,
Você é o “outro”,
Pois não é “eu”.

Um dia você apontou,
E de longe,
consegui ler seus lábios.

Enquanto falava com outro
“outro”,
Você mirou meu rosto,
“Outro”, sua boca falou.

Eu não entendi,
Tudo se misturou na minha mente.

Se agora eu não for mais “eu”,
E o “outro” eu me tornar,
quem o meu outro será?

“KypaTimópiampé” (do Kaiapó: terra vagarosa)

Um Poço.

A

A

A

A

H

H

H

H

H

H

!

!

!

Pof!

- Quem é você?

Falei, vivi, fiquei.

O tempo

Você não me vê,
Mas você me sente.
Passo sem fim,
Percorro sua mente.

O poder é discreto,
O tempo é corrente.
Você acha que me tem,
Mas te guio controladamente.

Doismônios

Monótono
Quente, demais

Eu ri
Você também

Logo percebi
Que não estava mais sozinho
Era demônio,
Agora somos doismônios.

Se o limite da existência é o início do nada, o nada já é alguma coisa.



infâncias

brinquedo
um caco de prato
embaixo da pia veneno de rato
a mão fria da bisavó morta
comer folha de couve na horta
terreiro tanque lençol quarador

a poeira dança na luz da janela
deitada no chão alguém dança com ela

o cheiro vermelho de cera
joelhos vermelhos
pontas de ossos doídos
o escovão atrás da porta
as meias lustrando o caminho

o medo umedece a parede
bronca-retrato do avô

perfeição é o rosto do irmãozinho novo
o teto chora
a vida segue
alguém se cala
outro se esconde
ninguém responde

o anjo da guarda é o nome e o mistério
do irmão que se foi

ainda assombram
sussurros e rezas entre sãos e doentes
“dentro de vossas chagas escondi-me
e não deixai que eu me separe de vós”
amém.

home office

rotina em que o dia seguinte começa
antes de ontem terminar

amanhã

está agendado um novo normal
tudo vai ser diferente

bom senso
ar
leitura em dia
saúde
gente pensando em gente

se houver tempo
se houver chance
se houver vida

enquanto isso
a gente mente.

Grito

Grito desesperado,
Choro contido,
Coração disparado,
Sonho deprimido.

Busco a poesia
Teatro ousadia
Carne viva
Alegria

Pés sentindo o chão da grama
Luto com o medo
Calafrios e palpitações
Respiro um verso
Inspiro uma melodia

Cascas de árvores raspadas com as unhas
Sons que deixei
Sons que sumiram
Um gole a mais de saliva seca
Temo tomar um porre
e cair sobre a mesa do jantar

Mas que um dia isso passa
Mas o que é isso?
Isso tudo só atrasa

Não sinto mais
arroubos de emoção
esquecer alguma coisa?
nem sei mais o que é isso

Se você morresse agora,
mas não é como se estivéssemos mortos?
Se você não pudesse,
mas não é como se fosse proibido?

E como voltar tudo?
Não há como
eu não existo mais
voltar para onde, para o quê?
se onde vivíamos não existe mais

Ser criança

Voltar a ser criança
Não é fácil conseguir
Tem que se desapegar
E deixar a natureza fluir

Tem que se esquecer das obrigações
E seguir a vida sem privações
Tem que deixar a preocupação
E se entregar à descontração

Ser criança é amar sem esperar
Cair mesmo assim, não deixar de
caminhar
Sorrir, cantar, brincar, dançar...
E assim, o mundo transformar

Tenha esperança
Faça suas próprias mudanças
E mesmo adulto
Seja sempre eterna criança

A roda gigante

A vida é como uma roda gigante:
entramos, queremos subir e quando estamos no
alto não queremos descer,
pois a sensação de ver o mundo numa
perspectiva ampla nos encanta e nos faz crescer.
Pelo girar da emoção a roda gigante nos leva até
o chão,
culpados ou não, devemos aprender a crescer,
mesmo com barro nas mãos.

Ensinar e aprender

Ensinar...

Chegar no encontro do seu próprio ser
Para levar ao outro o que de rico tem a oferecer
Transformar vidas, respeitar histórias e
nunca deixar de crer:

Que a mudança é possível
Se de esperança estiver cheio o seu ser

Aprender...

Se deixar invadir
E histórias assim construir
Dar um pouco de si e ao outro se entregar
Transformar-se para transformar e,
Coletivamente, vidas mudar

Ensinar e aprender...

Um vai e vem deve acontecer
Caso parte assim não proceder
Deixe a vida lhe mostrar
Um caminho para se reescrever

O dinheiro

O dinheiro é um político enganador:
promete alegrias, mas muitas vezes nos
traz a dor;
promete sonhos, mas muitas vezes nos
acorda com ilusões;
reúne pessoas, amigos e famílias, mas muitas
vezes destrói as relações.



A brisa

Uma brisa suave que aos poucos vai se transformando em um vento característico de chuva. Ao longe se ouvem os rosnados dos trovões, mas o céu ainda está apenas nublado. A brisa é extremamente bem-vinda, afinal o calor é grande, o que faz com que seus pés estejam inchados. Por isso ela está assim, sentada em uma cadeira de área e com os pés pra cima, apoiados em um banco branco de madeira. O dia foi quente, e o fato de ter passado a noite toda no ônibus, viajando, tornou-o tão cansativo. Este momento de relaxamento se torna precioso e agraciado.

Músicas francesas tocam no celular sua cantora favorita. E, a cada momento, sons das patinhas da cachorra, a pequena pinscher, que vai e volta, despertam-na dos seus pensamentos. Ao mesmo tempo em que relaxa, relembra momentos da infância e adolescência passados naquela casa. O carro do pai é outro, mas as folhagens em vasos estão por toda parte, uma paixão a que ele se dedica com orgulho há anos.

A chuva começa a cair calma e tranquila, aumentando o frescor do fim de tarde. O aroma de terra molhada também é agradável, cheiro de infância, quando ainda podia brincar na chuva com o irmão e as primas. Época em que sua única preocupação era a de não ficar com dor de garganta para que a mãe não se zangasse.

A chuva para e o cheiro se torna mais ácido, e o sol brilha por entre as nuvens. Alguns pássaros emitem seus grunhidos. A casa apresenta problemas dos anos de existência, uma pintura descascando, um piso quebrado. Sinais de que o pai também está velho e não consegue mais manter tudo como antes. Seu andador está próximo, e ele cochila na cadeira ao lado com a tranquilidade de uma criança. Talvez seja isso, o pai voltou a ser criança. Precisa que alguém resolva os problemas por ele. E sem esperar o pensamento vem... “como seria se sua mãe ainda estivesse viva? Se o câncer não a tivesse levado tão cedo?” “A casa e o pai estariam em melhores condições? Ainda morariam na mesma casa, na pequena e pacata cidade?” “Ela viria visitá-los com a mesma frequência?” Inúmeras são as vezes em que se pega imaginando em como seria se a mãe ainda estivesse viva. “O irmão teria se casado com aquela que ninguém vê encantos e que o fez mudar para longe, e quase nunca aparecer?” “E sua própria vida como seria? Teria ido embora? Conhecido o marido carinhoso e viajado a tantos lugares?” Novamente o som das patinhas traz ela de volta ao presente.

Os sinais da chuva restam em apenas algumas partes úmidas da rua. O vento voltou a ser apenas uma pequena brisa refrescante. Seus olhos são vencidos pelo cansaço e se fecham. Ela e o pai cochilam lado a lado, naquele entardecer de uma pequena cidade do interior.

Um punhado de infância

Com meu saquinho de bolinhas de gude
me sentia rainha.
Poderia escorregar o Pico do Jaraguá
em cima de um papelão.
Na casa de uma avó comia doce de figo
que eu mesma colhia do pé,
lá no quintal.
E na casa dos outros avós
era a cantoria e seus diversos instrumentos de corda,
desde um violão até um bandolim,
cantávamos sem fim...
A escola era um sonho de livros, agitação e pó de giz.
Na rua era guerra de mamona...
Que coisa ultrapassada... agora as guerras são outras.

A vida fugaz

No quintal brincava animada. Com sua mãe, uma menina amada. Dormia, chupando o dedo. E a mamadeira pedia.
Uma boneca um dia ganhara, assim que nascera mais uma menina. Seu coração fortemente batia, quando a irmã, em seus braços, sorria.
A alegria não era completa,
O pai trabalhava dia e noite, mas bebia. Em casa não reinava alegria. Ele não batia, mas a tristeza a consumia.
Numa vida cercada de momentos, o melhor deles era estar na escola. Qualquer angústia ficava esquecida. No pátio, diversão e companhia.
A matéria estudada era revisada. No guarda-roupa com giz escrevia.
Sua boneca também aprendia
Sem perceber, um ensaio acontecia.
Ajudava a mãe com satisfação. Geladinho fazia e vendia. Seus amigos e o “paquera” eram freguesia. Mas, com vergonha, ela se escondia.
Sua mãe decidiu trabalhar. Nas despesas, conseguiu melhor ajudar. Mesmo sem o pai concordar. Vislumbrava no futuro se aposentar.
E assim crescia a menina. Ajudando todo dia sua mamãe querida. Trabalhar também queria e a faculdade almejava. No tempo certo se formaria.
Sempre com fé e coragem. As coisas se encaixavam como engrenagem. Seu pai já não mais bebia. E na casa a alegria florescia.
Perdas e perdões. Em tantas ocasiões, saudades dos entes queridos. Na mente e no coração nunca esquecidos.
Numa vida fugaz, embarcada seguia. Experiências vividas, e os porquês o futuro explicaria. De repente, já não era mais menina.
Nem imaginava que um dia se casaria.
A responsabilidade só crescia
No seu papel de filha, irmã, esposa, “prô” e tia. Nesta vida fugaz, segue com alma de menina.
Vencendo, com satisfação, o seu dia a dia.

A máquina

Há décadas eu já ouvia falar
 Que aquela máquina, uma rasteira poderia nos dar.
 Aprender a ligar e desligar,
 Era um desafio a procrastinar.
 A resistência em manusear
 Não queria cessar
 Por todos aqueles
 Que com ela teriam que trabalhar.
 Anos e anos se passaram
 Ainda há gente que tenta disfarçar,
 Mas não tem jeito não,
 A máquina você precisa ligar.
 Ela já cuida da vida da gente,
 Em várias máquinas nosso nome está.
 Nas palmas das mãos, carregam constantemente,
 Mas com medo do ladrão pegar.
 Será você mesmo inocente,
 Que desta máquina quer se esquivar?
 Seja corajoso e encare seu “oponente”
 Que na realidade é tecnologia para o ajudar.

Amigo de infância

O Loro chegou!
 Cantava: “Atirei o pau no gato, to...”
 Era uma alegria!
 O companheiro de todo dia
 Alimento, recebia.
 Voos rasos na sala podia
 Mas um dia voou rumo às estrelas
 No coração, a dor da saudade
 Na mente, a lembrança
 Do amigo de infância.

Poema casadinho “Ensinar e Aprender”

“ENSINAR é caminhar pela estrada do conhecimento, acompanhado, em uma viagem onde o ponto final é o último suspiro. E APRENDER é curtir todo percurso desta maravilhosa viagem.”



Mainha

Forno a lenha
 Massa fresquinha
 Ela enrola os biscoitos,
 A minha mainha

Lá no norte de Minas
 A netaiada todinha
 Saboreia os biscoitos de polvilho
 Da nossa avó mainha

O cheirinho gostoso
 A lenha pegando fogo
 Sai uma fornada de pão de queijo
 E melhor que isso só seus beijos

Nem parece que um dia foi brava
 Com todos os seus doze filhos
 Com os netos é só ternura
 E nos enche de gostosuras.

Mulheres fortes

No enorme quintal
 Corriam cachorros e galinhas
 Menininhos e meninas

Mainha usando lenço na cabeça
 E na cintura, avental
 Sua barriga no fogão,
 No forno a lenha ou no pilão

Mistura alho, cebolinha, coentro,
 Sal e cominho
 Bate e soca tudinho
 Dentro do grande pilão
 Enquanto saltava o coração

Animais e criançada correndo
 Pensam que não estão entendendo
 Uma menininha para a espiar
 Aquelas mulheres fortes a cozinhar

A chefe mainha e suas filhas
 Todas a trabalhar
 Criançada a brincar
 Hora de parar e a barriga
 De culinária mineira forrar.

Guloseimas de Minas

Forno a lenha
Lenha pegando fogo
Forma cheia de biscoitos
Ai, como é gostoso!

Pão de queijo “quentim”
Assim bem “gostosim”
Queijo derretido
Hummmm, tudo que preciso!

Mangueira, goiabeira,
Limoeiro, amoreira
E além de tantas gostosuras
Ainda nos oferecem aventuras

Subir na mangueira
Tirar a manga do pé
Saboreá-la fazendo lambança
Que delícia era ser criança!

Doce de leite,
Bolo de fubá,
Abobrinha com quiabo,
Melhor que isso não há!

Podem falar o que quiser
E todas as comidas do mundo provar
Mas não há delícias no mundo
Mais saborosas que as de lá!

Arroz com pequi,
Tempero com coentro e cominho,
Guloseimas de Minas, da minha mainha
Todas feitas com muito carinho!

A verde e grande montanha

Corre na rua menina
O dia só começou
Ao final da rua, a verde e grande montanha,
Com certeza foi Deus quem criou

Instiga-lhe a curiosidade
“E se a montanha eu subir?
O que será que há lá em cima?
Será que vou rolar e cair?”

“Ah, mas que é bonita é!
Deve ter muitos animais
Que dá medo, dá né?
Mas seria aventura demais”
Fica ali imaginando
Como então seria
Subir aquela montanha
Ai, como queria!

Aprender é preciso

Começar e ensinar
Mergulhar e aprofundar
Insistir, jamais desistir
Se lançar, voar
Sem medo de errar
Porque aprender é preciso
Muitos e muitas contam com isso
Causar fascinação
Despertar o entusiasmo
Com toda emoção
Seguir em frente plantando sonhos
Desbravando caminhos
Os quais, com autonomia,
Cada um seguirá sozinho.

Anos 90 na favela Alba

Os barracos de tábuas coloridas
À beira do córrego da Rua Alba
Muitas histórias de diversas vidas
Anos 90 em alta

Chuva, chuvinha, tempestade
Era enchente na certa
Barracos flutuavam na água
Vida difícil essa

Não sei nem dizer
Quantos e quantas
Naquelas enchentes a vida perdeu
Mas lembro que foram muitos e tantas

Nesses dias não havia poesia
Só contávamos os estragos no outro dia
Gente que perdeu o telhado
Muitos que perderam os barracos

Sinceramente não sei por que
Pobre faz mais que hora extra no
sofrimento
Enquanto os ricos olham e dizem só
“lamento”

Isso porque não falei
Dos dias de incêndios
Vários barracos pegando fogo
E a correria do povo

Muita solidariedade nos becos
Caras de terror e medo
Mas mesmo forçando a coragem
Sem a turma conseguir salvá-los
Alguns fizeram a passagem

E os confrontos, então?
Era máfia contra máfia
Ou polícia contra ladrão
Quantas balas perdidas
Quantas vidas interrompidas

Te afirmo com certeza
Quem mora na favela sobrevive
De pequenas alegrias e grandes tristezas
E ainda assim não deixam de sorrir
E muito menos de acreditar
Que dias melhores virão
Não podemos deixar de sonhar!

Filho

Seu olhar me encantou
Desde o primeiro dia
Estava tão ansiosa por sua chegada
Não cansava de imaginar como seria

Sua pele tão clara
Que hoje é parda
Seus cabelos bem pretinhos
Tão enroladinhos

Como sonhei com o dia
Em que você chegaria
Pele tão delicada
Rosto sereno de inocência intocada

E o tempo passou tão rápido...
Me acordava dizendo “Mamãe eu te amo”
Com apenas quatro aninhos
Lembro de cada gesto seu, tantos carinhos

Brincava sem cansar
Com todos os seus carrinhos
Filho, amo te amar
Hoje com treze anos, meu mocinho.

Casa Amarela

Muitas residências
Vários arranha-céus
Belíssimas árvores
Uma infinidade de céu
E dentre eles, escondida,
Uma formosa casa amarela
Seu quintal coberto todinho
De plantas variadas e belas.



Agridoce

Cheiro de terra revirada
o avô colhendo mandioca
passeios na mata
pra libertar passarinho de arapuça.

Cheiro das violetas frescas
que brotam do seio de minha
mãe, onde me recosto,
Eterno abraço.

“Que cheiro de saudade!”,
dizia ela
Madeira queimada
Vejo o fogão da bisa.

Cheiro de alho fritando
O bolo assando...
Os aromas me envolvem. É outono!
A avó está ali sorrindo...de novo.

Cheiro do papel antigo
da carta guardada com carinho
O tempo tenta, mas não apaga
Ela tem o cheiro do nome: Rosa.

Cheiro do asfalto quente
As viagens em família
Cheiro de mato e lama
Criançada em férias à tarde.

O cheiro que sai dele
é cravo-da-índia, que aquece.
Música também tem cheiro... e toque
Pôs uma estrela na minha mão
para sempre.

Cheiro de todos esses cheiros,
pra mim, é o cheiro de saudade
Ela vem para um chá
E, sorrindo, lembra que isso
também é amar.

Cemitério

Em torno do anjo de pedra, via, pela primeira vez, a família toda reunida.

Serenar

Descendo a ladeira
Já sentia o aroma da goiabada.
Laranjeira conversava com o sol
Balança...
E tantas risadas!
Bonecas sendo batizadas (coisas de vó)
Música
Dança
Doce de amendoim (Da quitanda)
Stop (hora de brincar)
Irmãos, brincando de roda
Banho no tanque, panela no fogo
Ali onde os Orixás estavam juntos com Jeová
Infância feliz.
Entre rezas e ave-marias tudo acontecia.

Retrato de família 1

Família? Tenho algumas
de tradicional, nada temos
mas somos muito brasileira.
Aliás, minhas famílias são retratos
de tantas outras famílias possíveis.

A primeira foi desfeita aos meus seis anos,
Mas hoje vejo que me transformei
No tronco que possibilitou muitos galhos.

Minha mãe formou nova família.
E eu, neta de negro – por parte de mãe –
virei neta de japoneses, por parte do meu
“paidado”
pelo adubo do amor do solo da vida.

Ganhei irmã, tias, primos e avós...
e hoje... sobrinha.

Minha foto de família é imensa... é diversa!
Como árvore de profundas raízes tem
inúmeros galhos
e muitos frutos.

Retrato de família 2

Meu pai me deu uma família bem italiana
e, depois de muita terapia,
descobri que é, talvez, a melhor parte
de meu jeito amoroso, falante e briguento.

Agora, eu organizo a vida para dar frutos:
não me importa suas origens, cor, raça ou
seus progenitores.

O que importa é que minhas raízes,
nipo-brasileiras, me deram a fortaleza
para os acolher e amar
como meus... e eu ser sua...
Sua mãe... e nós, uma nova família.

Tentando uns versinhos pra vovó

Senta-se na máquina de costurar
Emenda os retalhos
Faz as barras
Prega o zíper.

Faz o vestido florido pra menina.
Usa vestido florido.
Gosta de estampa
Gosta de cor.

Varre o quintal.
Rega as plantas
Tem erva pra curar tudo
Tem chá pra todo tipo de dor.
Só não acho um pra saudade...

Escreve cartas
Para os que estão longe
Recebe cartas deles.

Faz sua reza todos os dias
Não abandona fé

Volta pra costura
Passa a linha na agulha
E de ponto em ponto construiu sua história
E deixou sua marca aqui
Bordada em mim.

Casa da vovó Maria

Naquela casa tinha um quintal
Quintal de casa de vó
Com árvores e plantas de todos os tipos.
Naquele quintal onde criava meus cenários
Minhas histórias e o brincar de faz de conta não tinham fim.

Naquele faz de conta que poderia ser o que quisesse e
Estar onde quisesse...
Naquela casa que eu ouvia o barulho da sua máquina,
A mesma máquina que, às vezes, brincava em seu pedal fingindo ser meu carro.

Quando minha vó se sentava na máquina para suas costuras,
Eu ficava por perto para pegar qualquer retalho que sobrasse
Os retalhos que poderiam virar vestidos para minhas bonecas.

Naquela casa que tinha cheirinho de café,
De cuscuz no fogo
E bolinho de chuva no fim da tarde.

Naquela casa onde compartilhávamos os almoços
Que juntava a família e colocava a mesa no quintal
Momentos que compartilhávamos risos.

Lá que vivi momentos com meus primos e tios.
Que sonhei alguns dos meus primeiros sonhos.
Que ralei os joelhos no quintal
E que ganhei tanto o colo de vó.
Que abracei e dormi de tarde sem preocupações.

Naquela casa que minha vó me ensinou sobre fé
E valores que carrego comigo.

Aquela casa tão simples
Mas tão cheia de histórias
A casa de vó, que só quem tem ou já teve vó entende o que é
É um misto de tudo de bom, dentro de um lugar só.

Para Las Palomas

- I. Nunca retirei aquele momento de meu peito, aquela memória, um homem de pele indescritível com seu chapéu panamá dando pão para todas as palomas.
- II. Ele estava sentado naquele banco diante do lago. No banco havia um jornal já amassado por estar lido. Havia lido as notícias do mundo e tateado a vida. Sobre o jornal estavam seus sapatos e dentro deles estavam suas meias. Sim, estava descalço com seus pés na terra fresca da manhã.
- III. Sua pele era um misto de todas as cores. O azul era existente em sua pele parda levemente enegrecida junto a um doce branco. Caminhando com a luz, poderíamos ver um amarelo alaranjado com um pingo de rosa lilás esverdeado. Não importavam as circunstâncias, o vermelho gritava em sua pele.
- IV. Ele não compartilhava aquilo que seu corpo não desejava, cada pedaço de pão era dividido, parte ele comia e a outra compartilhava com alguma das palomas. Todas esperavam pacientemente seu momento e todas compartilhavam do momento da outra. Perfeita harmonia, nenhuma ficava sem comer e todas ficavam saciadas.
- V. Chegavam e pousavam perto daquele homem através da curiosidade. Talvez, já existisse naquelas palomas uma semente avermelhada que fortemente era atraída por ele. Pouco a pouco a semente germinara e crescia nas palomas o indescritível.
- VI. Não havia só flores em minha memória, além do homem e das palomas, eles passavam, iam e vinham, olhavam com suas caras feias e suas bocas balbuciavam grunhidos. Não direi e nem descreverei quem são, espero que você saiba. Somente digo que não agiam, pois sabiam que o homem estava diante da morte.

- VII. Quando percebi estava diante daquele homem, junto a todas elas. Algumas estavam lá há horas, outras haviam chegado no instante em que firmei meus pés no solo. Olhando para o céu, víamos que números incontáveis estavam chegando. A quantidade era assombrosa, os repugnantes estremeçeram e foram consumidos pelo medo.
- VIII. Compartilhou tudo que tinha no dia que parecia ser o do seu nascimento. Ficamos todos saciados. Mesmo assim, eu ainda não compreendia o pedaço do pão que digerira, só sabia que eu já não era mais a mesma paloma.
- IX. No dia em que nasci sentei-me naquele banco e compreendi o que dizia a todos nós o homem de chapéu panamá.
- X. “A árvore, junto à grande terra, caminha em seus grandes passos, rumo às suas utopias e a presentear com belos frutos, e o tempo é amigo, brinca e ajuda, jamais escraviza. Não conte tempo, conte tempos, não conte tempos exatos, conte por pequenos momentos: dois pingos de chuva, três folhas agora caídas, quatro ventos, cinco músicas, seis pessoas, sete figuras desenhadas nas nuvens, oito pedrinhas arremessadas no lago, nove palomas voando, uma vida que morre e renasce a cada instante. Não deixe de contar, conte a todos e a tudo, conte todos os belos pães-frutos, faça transcender.



ÍNDICE

ADRIANA ALVES	6
ALESSANDRA UMBELINO DA SILVA	7
ANDRE ALVES DE SOUSA	9
ANDREIA PEREIRA DOS SANTOS	10
ARTHUR DIAS SOARES RAMALHO	11
BEATRIZ NASCIMENTO BARRETO	12
CLAUDIA MARIA DOS SANTOS KAWAKAMI	15
CLEIDE DAS GRAÇAS FELIX	17
CRISTIANE MARANGON SANTANA	18
CRISTINA ARTAGOITIA VICENTE	19
DALILA RODRIGUES DO AMARAL	20
DANIEL CARVALHO	21
DANIELA GUEDES BARRETO	24
DANIELA MORALES MONTEIRO	26
DÉBORA DE ALMEIDA AZEVEDO	27
EDNA MARIA APARECIDA DE ANDRADE	29
ÉRICA GIMENEZ LATERI	30
EVA VILMA CAVALCANTE ALMEIDA	31
FÁBIO ROBERTO FERREIRA BARRETO	34
FERNANDA MARTINS FRANCO	35
GISLAINE DOS SANTOS KOENIG	36
GISLAINE ROSA DOS SANTOS	39
INGRID CADIDÉ	41
ISABEL CRISTINA FURTADO DE MEDEIROS SAMPAIO	43
IVAN VENTURINI	44
JANAÍNA TAVARES SANTANA	49
JAQUELINE VIEIRA DA SILVA BOARETTO	50
JOÃO ROSALVO DA SILVA JÚNIOR	51
JULIENE CODOGNOTTO	54

KÁTIA CAVALCANTI BELTRANO FICO	58
KELLY APARECIDA BRANDÃO AVELINO	62
LAURA APARECIDA GUIMARÃES CORRÊA	64
LEILA NIGRO.....	66
LEON PIRES DA CONCEIÇÃO DE BARROS CORDEIRO	68
LEONOR MODESTO DA SILVA DANTAS	70
LILIANA FERREIRA DELGADO.....	73
LUCIA RAMALHO NUNES MUNIS	74
LUCINÉIA SENA LESSA	75
MAGALI GALVÃO DE ALMEIDA.....	76
MARCIA MARIA DIAS	77
MARIA INÊS ALVES PEREIRA	78
MARIA LUZIENE DOS SANTOS	81
MARIANA ROSANA INGLES.....	84
MICHELLE DOS SANTOS LOMBA (MIXA)	85
NATALI GONÇALVES INAGAKI	87
NILDA APARECIDA CONRRADO DE PAULA	90
PATRICIA ZERINO AGUILLERA.....	91
PATRÍCIA DOS SANTOS CIORFI FREITAS	92
REGINA DE OLIVEIRA ALVES	96
RENATA APARECIDA DA SILVA FICO	98
RENATO PLÍNIO ROMERO SANCHES	100
RITA DE CÁSSIA ALMEIDA BRAGA.....	102
RODRIGO LUIS DE OLIVEIRA	103
RODRIGO MACEDO FRANÇA.....	104
ROSANGELA AP. PASCHOAL BRIGHENTI DAYYOUN	106
ROSEMEIRE GONZALEZ PICCOLI MENOLLI	107
SIMONE ALVES DE SOUZA MARINHO	108
SUZYLENE PEREIRA SOUSA	110
TAÍS FREITAS DE SOUZA.....	115
TÂMARA RODRIGUES FERREIRA.....	116
TATHIANE GRAZIELA HAMADA CIPULLO.....	117
THAÍS SOUSA NASCIMENTO.....	118
VINICIUS CUSTODIO DE LIMA SILVA.....	120



COORDENADORES DA AEL NAS DRES

BUTANTÃ

Tathiane Graziela Hamada Cipullo

CAMPO LIMPO

Cleomar de Souza Lima
Elaine Silva Lacerda

CAPELA DO SOCORRO

Luciene Aparecida Grisolio Cioffi

FREGUESIA/BRASILÂNDIA

Roberto Antonio Maciel

GUAIANASES

Maria Inês Alves Pereira
Tania Regina da Silva
Valeria Silva Nascimento de Oliveira

IPIRANGA

Girséley Alexandre Gonçalves Sato

ITAQUERA

Cinthia Krayuska de Araújo Sousa
Lúcia Ramalho Nunes Munis

JAÇANÃ/TREMEMBÉ

Ana Carolina Cuofano Gomes da Silva
Ivan Venturini

PENHA

Thalita Garcia Lopes

PIRITUBA/JARAGUÁ

Patricia Zerino Aguillera

SANTO AMARO

Cláudia Gonçalves da Silva

SÃO MATEUS

Renato Brunassi Neves dos Santos Silva

SÃO MIGUEL

Bruno Carvalho da Silva



**CIDADE DE
SÃO PAULO**
EDUCAÇÃO